

117

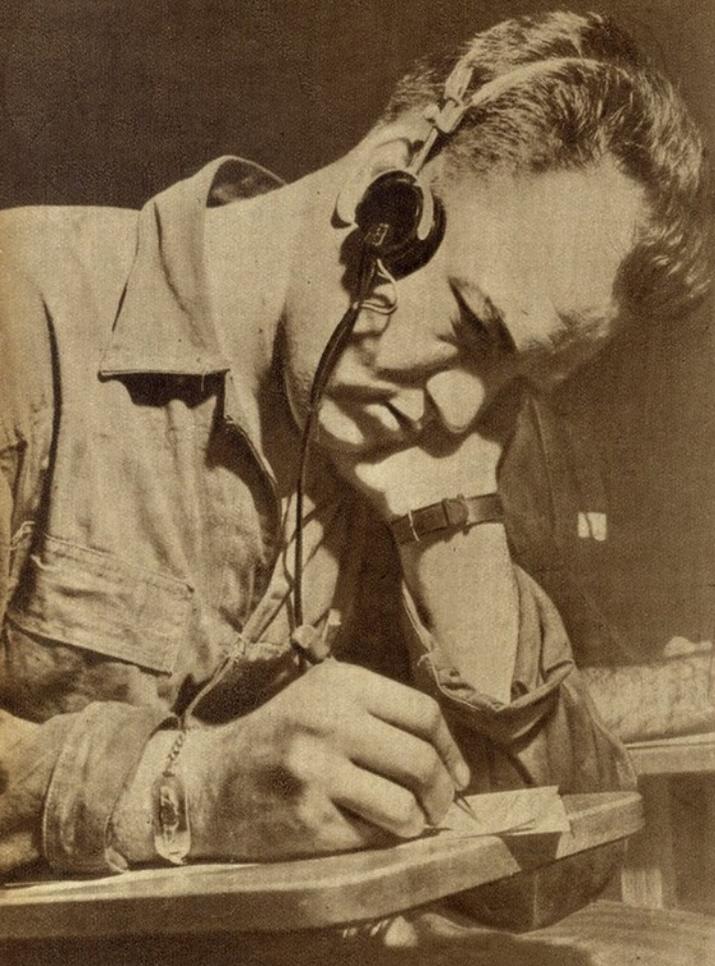


agosto



O DESPORTO
NO SÉCULO XX

**MUNDO
GRÁFICO**



O Radar facilitou, extraordinariamente, a navegação aérea. O navegador de um bombardeiro, até tem tempo de escrever uma carta, durante o vôo — que o Radar encarrega-se do resto



O ÔLHO ELÉCTRICO DA MARINHA DE GUERRA

pelo Capitão Tenente LANCE DALZIEL

QUANDO se instalou, pela primeira vez, nos navios da Real Marinha de Guerra, o Radar, esse «ôlho mágico» da Grã-Bretanha, foi acolhido pelos não iniciados como mais uma coisa inútil. Não tardou, porém, que se reconhecessem as suas extraordinárias qualidades. Embora a sua função primordial fôsse a de dar pré-aviso da aproximação de aviões, parte do benefício de possuir um aparelho de Radar, naqueles primeiros dias da segunda guerra mundial, foi o auxílio que prestou à navegação.

Receber, súbitamente, de presente uma invenção que dava um

quadro nítido de tudo quanto normalmente se pode ver no mar — tudo quanto, até, então, fôra pequeno ou distante demais ou demasiado escondido pela chuva ou pelo nevoeiro — representava para os homens do mar um luxo fantástico.

Dando, como dava, um quadro nítido de um combóio inteiro, assim como dos navios de escolta que o cercavam a distância, o Radar prestou um auxílio imenso à conservação das posições relativas de noite ou com mau tempo e revolucionou, de um dia para o outro, toda a prática de tiro. Bastava ao oficial, controlando o tiro, dar uma volta a um manipulo, para poder transmitir a todas as peças o alcance e a marcação exactos do alvo e seguir as mais pequenas modificações à medida que ocorriam.

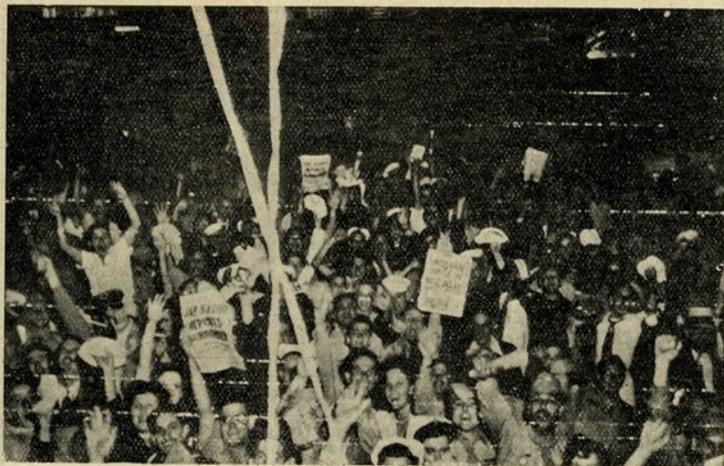
Solução de problemas de navegação

No capítulo da navegação, está claro, o Radar resolveu muitos problemas que tinham preocupado os homens do mar, desde que navios largaram para o oceano. Podiam neutralizar-se, agora, o nevoeiro e a fraca visibilidade pois o «ecran» do Radar mostrava o que se movia pela proa e a toda a volta por muito cerrado que estivesse o tempo.

Dava-se com as bolas nos

(Continua na página 4)





Nova York festeja o fim da guerra contra o Japão

A GUERRA NO PACÍFICO

3 ANOS, 8 MESES E 7 DIAS

A guerra no Pacífico, que entroncou simultaneamente no prolongado incidente nipónico (iniciado em 1937) e no conflito europeu (que teve o seu início em 1939) foi prolongada e sangrenta. Durou, exactamente, 3 anos, 8 meses e 7 dias e exerceu uma influência decisiva na evolução e no desenlace da segunda conflagração mundial desencadeada pela Alemanha no nosso continente.

Essa guerra teve duas fases distintas. A primeira que durou desde Dezembro de 1941 a Maio de 1942, foi caracterizada por uma série ininterrupta de vitórias do Japão sobre os seus adversários insuficientemente preparados e excessivamente confiantes. A segunda, que teve o seu início em Agosto de 1942, com o desembarque dos fuzileiros navais americanos em Guadalcanal, acaba de terminar precisamente em 15 de Agosto de 1945, com a aceitação da fórmula de rendição incondicional pelo Império nipónico.

A Grã-Bretanha, talvez mais do que qualquer outro país, suportou o peso da máquina militar nipónica e a animosidade implacável dos seus dirigentes. Por isso, a tentativa nipónica de dominação mundial não teve mais sérios adversários do que os dirigentes da Grã-Bretanha, e nos campos de batalha, dos seus soldados, dos seus marinheiros e dos seus aviadores.

Quando o Japão se lançou na guerra contra os Estados Unidos, em 7 de Dezembro de 1941, sabia que o Império britânico não tardaria a dar-lhe a réplica corajosa que os seus recursos e as suas possibilidades, nessa altura, permitiam. Os militaristas nipónicos pensaram, portanto, desde o primeiro momento, em opôr ao poder britânico no Extremo Oriente, toda a sua capacidade agressiva e toda a sua vontade de dissimulação.

Três dias depois de haver lançado o ataque abominável de Pearl Harbour, o Japão afundava nas águas da Malásia duas das mais poderosas unidades da marinha de guerra britânica, o «Prince of Wales» e o «Repulse». Não tardou muito que ocupação de Hong-Kong, a conquista de Singapura e a invasão da Birmania significassem, de maneira bem clara, que um dos objectivos da guerra do Japão era a eliminação completa da influência britânica no continente asiático e na imensidade do Pacífico.

Quando as guardas avançadas do imperialismo nipónico atingiram os limites da Austrália e da Índia, souo o termo das suas conquistas fáceis e provocadoras. Em Maio de 1942 as batalhas navais do Mar de Coral e das Midway assinalaram o prólogo da grande contra ofensiva vitoriosa que só se deteria ás portas de Tóquio. Sucessivamente, as forças armadas das Nações Unidas recuperaram a quasi totalidade dos territórios conquistados pelos japoneses durante a sua ofensiva relâmpago, conduzida à maneira alemã e adaptada às exigências do meio em que tinha de se desenvolver.

Da reconquista de Salomão à ocupação de Okinawa, passando pelas Marshall e por Guam, pelas Filipinas e pelas Índias Holandesas, a série de vitórias aliadas na guerra do Extremo-Oriente prolongou-se ao longo de três anos, entre o desembarque de Guadalcanal (Agosto de 1942) e a aceitação da rendição incondicional (Agosto de 1945). Durante esses três anos, os combatentes britânicos deram provas de uma coragem e de uma firmeza que estão acima de todos os elogios e desafiaram todas as comparações.

Basta recordar as proezas do esquecido 14.º Exército que na Birmania operou prodígios de valor militar e dos soldados que defenderam, num período particularmente crítico, as fronteiras da Índia. Australianos e neo-zelandeses, desempenharam um papel preponderante durante todo o período incerto das hostilidades, primeiro acautelando o seu território e mais tarde tomando, corajosamente, uma parte activa na ofensiva contra os japoneses. Finalmente, não pode deixar de se lembrar a participação efectiva da esquadra inglesa durante a última fase das operações.

A Grã Bretanha, que foi uma das vítimas da agressão nipónica, soube dar-lhe a réplica adequada, fazendo reviver no Extremo Oriente, o seu prestígio e o valor lendário dos seus combatentes que, mais uma vez, se cobriram de glória.

C. F.

LAMINAS

Gillette continua a ser o mais perfeito sistema de barbear que existe no mundo. Nenhum outro processo lhe poderá dar uma barba mais bem feita; desde que empregue as lâminas Gillette Azul ou Gillette Dourada, obterá a perfeição.

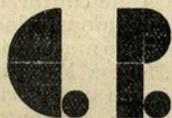


GILLETTE

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

Seja prático e económico

viaje na



Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031
— no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

O ÓLHO ELÉCTRICO

(Continuação da página 2)

dias em que as suas luzes mal se descortinavam a cinquenta metros. Agora, apareciam no «ecran», a algumas milhas de distância, simplificando grandemente a navegação costeira.

De facto, tudo quanto pudesse aparecer pela prôa — destroços de naufrágio, rocha, outro navio — via-se a tempo, fôsem quais fôsem as condições meteorológicas.

A terra podia ver-se como um contôrno, comparável com o das cartas, para determinar a posição do navio. Podia definir-se tôda a linha da costa, podia dar-se com a embocadura de um rio, com uma baía, um farol ou qualquer outra balisa fixa.

Este aspecto do Radar como auxiliar da navegação desabrochou em plena floração durante a tarefa mais importante de tôdas: os desembarques de assalto na África do norte, na Sicília, na Itália e no norte da França. Em múltiplas ocasiões o Radar cortou a direito através de tudo. A imensa superioridade e a quantidade de aparelhos de Radar instalados em quasi todos os tipos de navios permitiu a concentração dos barcos e o assalto certo do dia D e inutilizou os subsequentes ataques inimigos à navegação aliada e aos vulneráveis portos pré-fabricados.

O Radar também salvou muitas vidas no capítulo dos socorros aero-navais, descobrindo aviadores metidos nos seus barquinhos de borracha ou empoleirados nos destroços dos seus aviões e, está claro, no Atlântico e dezenas de sobreviventes de barcos mercantes ficavam devendo ao Radar que descobriu, a duas ou três milhas de distância, as baleeiras e jangadas que, de outra maneira, podiam ter passado despercebidas na escuridão.

Os benefícios do radar aplicado

A estes benefícios de ordem geral da nova invenção há a acrescentar os do «Radar apli-

cado» — da aplicação deste invento a outros ramos de combate e de navegação, as mudanças e os aperfeiçoamentos que causou. De uma maneira geral, podem enfileirar de baixo de quatro títulos: tiro, a caça de navios de superfície, pré-aviso aéreo e guerra anti-submarina.

Os instrumentos ópticos anteriormente usados para a regulação do tiro e do lançamento de torpedos eram, agora supridos e suplantados por aparelhos de Radar de grande precisão que permitiam à artilharia emporquillar frequentemente o alvo e eliminar, virtualmente, os erros que entravam anteriormente na telemetria. As peças podiam abrir fogo eficaz a maiores distâncias e tornava-se possível o fogo contra alvos invisíveis, tanto contra navios de superfície como contra aviões, calculando-se os alcances com erros de poucos metros.

Descoberta do «Scharnhorst»

Em ambas as acções contra o «Scharnhorst» e o «Blismarck» o Radar foi de inestimável valor, tanto para descobrir o inimigo como para determinar os respectivos alcances e marcações quando chegou o momento de dar batalha — o «descobrir, fixar e atacar» que é a base da guerra naval. No caso do «SCHARNHORST» o inimigo foi descoberto primeiro pelo cruzador «BELFAST» a um alcance de 35,000 jardas (17 1/2 milhas) e esta detecção perfeita e o duelo de artilharia que dela resultou salvaram indubitavelmente o comboio que navegava em direcção aos portos do norte da Rússia e que o «SCHARNHORST» ameaçava. Durante algum tempo, perdeu-se o contacto mas o Radar restabeleceu-o a 30,500 jardas e durante muito tempo, até à chegada do «DUQUE DE YORK», o «SCHARNHORST» foi seguido pela nossa força de contratorpedeiros guiados inteiramente pelo Radar e mantendo-se fora do alcance da visibilidade. O

(Continua na pág. 24)

“UM ANJO QUASI DEMONIO”

Romance
de Manuela de Azevedo



O romance entre nós vai tendo apreciáveis cultores. Essa maneira literária tenta acompanhar o grande movimento renovador que se nota noutros países.

Contudo, talvez pelo ambiente social, próprias condições de vida, limite de horizontes humanos ou, ainda, por certas expressões tradicionais latentes no espirito de muitos escritores, essa maneira criada da literatura não atingiu a grandeza dos temas que inspiram os escritores actuais; mórmente os norte-americanos.

Mas seria injustiça não distinguir os romancistas de hoje que, se não têm escrito obras definitivas, (pois, não há nada definitivo) têm no entanto, dado à estampa obras dignas de aplausos.

Vêm a ponto estas linhas preliminares de um nome no qual se podem, com fortes razões, depositar justificadas esperanças.

Não tem este modo de dizer, já concebido, qualquer intuito que possa conjugar-se com a desbotada frase de «esperançoso o prometimento», lugar comum usado e abusado em referências literárias.

Igualmente seria do desagrado da escritora a que nos estamos a referir, considerar limitados os apreciáveis atributos da sua recente obra. Tal facto estaria em contradição com a insaciabilidade criadora de quem escreve e põe vibração e ideias na intenção da sua arte.

Manuela de Azevedo que, a despeito da sua juventude, tem conquistado, galhardamente, um nome literário, publicou agora o seu primeiro romance: «Um anjo quasi demónio».

(Continuação da página 30)

Armando de Sousa Malveira



OS cantores da Rádio não são muito vulgares entre-nós nem todos constituem revelação notável. Isto não quer dizer que não existam valores dignos de elogio — que, neste caso,

é justiça. A carência, muitas vezes, de artistas da Rádio, provém da estreiteza do meio. No entanto, surgem, por vezes, cantores que não estariam mal em qualquer Emissora estrangeira. Está neste caso o distinto tenor Armando de Sousa Malveira, cujas demonstrações de cantor o têm imposto como um dos artistas de canto mais prometedores. Sousa Malveira, a despeito da sua pouca idade, é já um elemento de apreciável valor a salientar nos programas radiofónicos.

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA

HERPETOL

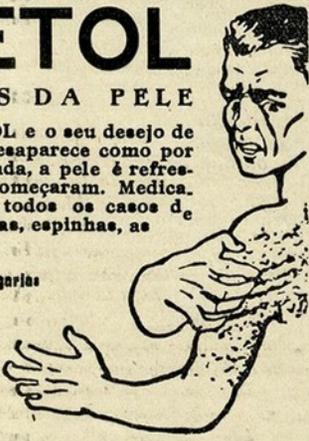
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicação por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, arupções ou ardência na pele.

Se vende em tôdas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



REFLEXOS DO MUNDO

Aviadores decapitados

Em Abril de 1943, o Presidente Roosevelt anunciou que tinham sido decapitados pelos japoneses «alguns» dos aviadores americanos obrigados a aterrar no Japão em 1942. Ao mesmo tempo, o Governo chinês anunciou o massacre, perpetrado pelos nipões, de comunidades inteiras na costa oriental da China onde haviam encontrado abrigo alguns aviadores americanos. O alarde feito pelos japoneses de que «todos os que se opusessem ao Imperador — mesmo que mulheres e crianças — seriam mortos», provou-se então a sua verosimilhança.

Ilha Sacalina

A Ilha Sacalina estende-se por 840 quilómetros a norte de Hokkaido, ilha metropolitana japonesa. Encontra-se separada da Sibéria soviética pelo Golfo Tártaro que mede cerca de 120 quilómetros de extensão.

Os japoneses tiraram aos russos, depois da guerra de 1905, a metade sul da ilha, a que deram o nome de Karafuto. Em 1920, os nipónicos aproveitando-se da guerra civil russa, ocuparam a zona norte, rica em petróleo e carvão.

Volvidos 5 anos, os nipónicos restituíram aos russos a região norte, a seguir a um acordo em que a União Soviética garantia ao Japão as concessões petrolíferas e carboníferas naquela região. Calculou-se que as con-



Do Reichstag, onde Hitler ameaçava o mundo, restam agora estas enegrecidas paredes

cessões de petróleo inimigas na Sacalina Soviética permitissem uma capacidade capaz de abastecer metade da sua Marinha com petróleo. Até à conquista pelo Japão das regiões petrolíferas asiáticas do sul, a Ilha Sacalina foi também cedida ao inimigo como manancial de combustíveis de elevado poder, para a Aviação.

Em Março de 1944, os japoneses acordaram na terminação das suas concessões na Sacalina

do Norte — vinte e seis anos antes de expirarem os tratados. Por seu turno, a União Soviética anuiu em que os nipónicos disfrutassam, por cinco anos, de alguns direitos piscatórios do largo da Península Kamchatka. Os russos prometeram, também enviar, anualmente, aos japoneses, cinquenta mil barris de petróleo, pelo espaço de cinco anos — a começar apenas no fim da presente guerra.

A ilha, atravessada por duas cadeias de montanhas paralelas, mantém-se enevoada e chuvosa no verão, e coberta de neve no inverno. Otomari, passando por Hokkaido, Maoka, no Golfo Tártaro, e Shikoku, no mar de Okhotsk, são os principais portos nipónicos. Trezentos e trinta mil habitantes, na maioria japoneses, viviam na metade nipónica, em 1935. As massas populacionais soviéticas eram bastante inferiores.

Atrocidades japonesas

Há um ano, tornou-se aparente que o «Bushido», código militar primitivo japonês no qual a decapitação possui um lugar importante, havia sido posto em vigor. De todos os

campos de concentração na Ásia ocupada chegaram notícias do tratamento desumano ali infligido aos prisioneiros. Aqueles encontravam-se situados próximo de objectivos militares, nos quais eram os prisioneiros obrigados a trabalhar. A alimentação era de mais baixa qualidade e a quantidade apenas a necessária para manter a vida. Não havia qualquer protecção contra as inclemências do tempo, nada existia para combater a imundície, para as numerosas doenças que se registavam, nem um só medicamento existia. A todo o momento se registavam mortes pela violência ou por negligência criminosa.

Fraternidade política

Depois da abertura do parlamento, inglês, Attlee e Churchill deixaram-se fotografar juntos na rua. O mesmo sorriso iluminava os dois vultos. Cada um com o seu tipo físico a sua fisionomia política, a sua técnica de administração pública, ligados, por aquele fair-play que é aventura, o traço essencial de carácter de todo o bom inglês.

Os fotógrafos surpreenderam também lado a lado, a senhora Churchill e a senhora Attlee,

quando atravessavam a praça em frente da Câmara dos Comuns, num belo exemplo de socialidade elegante.

Acima de tudo, a Inglaterra!



Elegância da estação. Porque usam as mulheres óculos pretos? Para nos taparem os seus lindos olhos?



Os alemães arrancavam os sinos aos templos católicos. Mais de cinco mil foram levados para Hamburgo afim de serem derretidos



JOHN FREEMAN ★

ESTE nome, que ainda há pouco era completamente ignorado em Inglaterra e no estrangeiro, adquiriu, de repente, uma merecida celebridade. Quando se ergueu, vestido com o seu uniforme kaki, na Câmara dos Comuns; para responder ao discurso da Corôa, criou-se à volta da sua figura uma curiosidade compreensível. Essa curiosidade transformou-se, rapidamente, em simpatia e admiração, ao verificar-se o apuro, a dignidade e a elevação com que o seu discurso foi pronunciado e sentido por todos os lados da Câmara. Ao usar, pouco depois, da palavra, Winston Churchill, que é o mais antigo e o mais preclaro representante da grande tradição parlamentar britânica, não se eximiu a dirigir-lhe palavras de caloroso louvor pela forma por que soubera desempenhar-se da sua missão.

O major John Freeman é um herói desta guerra, com o peito constelado de condecorações, as mais elevadas e as mais merecidas. A sua palavra ergueu-se, no recinto da representação nacional da Grã-Bretanha, em nome dos que tudo sacrificaram para se alcançar a vitória e, segundo a sua própria expressão, «em nome das forças renovadoras que propõem embarcar na magnífica aventura de refazer uma civilização que acaba de atravessar um transe mortal».

Estas palavras refletem os sentimentos predominantes na Inglaterra que se ergueu, aos olhos do mundo, ao ficar sózinha nos campos de batalha e sob a ameaça directa e iminente de um inimigo implacável, como fiadora segura de que essa civilização se não deixaria sucumbir perante a investida da força. Para as interpretar, o major John Freeman, com a autoridade do seu heroísmo e da sua mocidade, encontrou os acentos mais apropriados e eloquentes.

CRÓNICA INTERNACIONAL

ASSIM ACABOU A GUERRA

TERMINOU a segunda conflagração mundial, a mais sangrenta e prolongada que a história regista. Em vinte cinco anos, a humanidade sofreu, por duas vezes, a provação dramática da guerra com as suas conseqüências inevitáveis e dramáticas. Ao contrário do que aconteceu com a guerra de 1914-18, cujos episódios principais e cujo desfecho se localisaram na Europa, a segunda conflagração mundial alargou-se a todos os continentes, e a todos os oceanos. Os seus efeitos directos e imediatos fizeram-se sentir desde o Ártico ao Pacífico, e desde o Atlântico ao Índico, desde as paragens geladas da Islândia aos areais ardentes da Líbia e do Sahará, desde a metrópole britânica aos confins australianos.

Verificou-se uma estreita relação entre a evolução dos acontecimentos na Europa, na África, Ásia e no Pacífico. Os continentes que, como a Austrália e a América, pareciam destinados, pela sua posição geográfica, a manter-se alheados do conflito, foram dos que mais directamente sentiram as suas repercussões. E os poucos países que puderam conservar-se à margem dos seus efeitos imediatos, nem por isso deixaram de sofrer, nos domínios do economia e do equilíbrio social, os seus efeitos indirectos.

Pode dizer-se que o início da guerra sino-japonesa de 1937 marcou o início da segunda conflagração mundial, embora geralmente se considere que esta teve o seu começo na Europa, no dia 1 de Setembro de 1939, quando os alemães invadiram a Polónia contra as suas promessas expressas e repetidas, e contra os sentimentos gerais da paz e de justiça internacional que, nessa época como hoje, continuam a ser fervorosamente acalentados pela grande maioria dos povos de todo o mundo, onde quer que eles se encontrem e qualquer que seja a natureza dos seus interesses nacionais.

Foi ainda no continente asiático que a segunda conflagração mundial teve o seu termo. A rendição do Japão verificou-se três meses depois da rendição do Reich e dois anos depois da rendição da Itália. Dissiparam-se, assim, as ilusões que o bloco totalitário havia alimentado de poder estabelecer um dia o seu domínio sobre todo o mundo. Essas ilusões custaram, porém, à humanidade cerca de vinte milhões de mortos além de estragos incontáveis e sofrimentos indizíveis.

Recordar a participação britânica na segunda conflagração mundial é evocar os seus principais e episódios pois em todos eles apareceu impressa a marca do génio e da tradição da Grã-Bretanha. A desilusão foi completa e o despertar dramático para aqueles que supunham estar adormecidas as velhas e admiráveis energias do povo inglês e dos povos do Império. Mas para os homens livres e para os povos que, acima de todos os bens materiais e de todas as contingências, prezam e querem a sua independência, a afirmação insofismável de que o Império Britânico continuava a ser uma das realidades predominantes na vida internacional constituiu um incentivo e um encorajamento que só revelarão inteiramente os seus efeitos à medida que o ódio da guerra for cedendo o seu lugar às tarefas construtivas e beneméritas do futuro.

O OBSERVADOR

O discurso da Corôa

Na sessão inaugural da primeira sessão legislativa do novo Oarlamento britânico, S. M. o Rei Jorge VI pronunciou o habitual discurso da Corôa. Esse discurso era aguardado, em todo o mundo, dentro e fora da Inglaterra, com uma legítima curiosidade. Pode dizer-se, sem sombra de exagero, que ele correspondeu inteiramente à expectativa que se havia criado à sua volta. Nêle aparecem esboçadas as linhas gerais do programa de realizações que o govêrno saído das últimas eleições se propõe realizar. Não há no discurso proferido pelo soberano nada que possa suscitar outro sentimento que não sejam os da mais legítima esperança quanto à segurança e à certeza com que o povo da Grã-Bretanha depois de ter exprimido livremente a sua vontade por meio do boletim de voto, deseja ver realizadas as tarefas urgentes impostas pela necessidade de reconstruir rapidamente o país e cooperar com todos os outros povos pacíficos na criação de uma paz estável e duradoura.

Eis como apreciamos essa oração que tão profundamente ecoou através do mundo. Ela não é, apenas um balanço dos sacrificios do Império; é também uma mensagem de esperança para o futuro.

O sentido das aclamações

No dia da sessão inaugural do Parlamento britânico, ao saírem da igreja de Santa Margarida, depois de haverem assistido à cerimónia celebrada em acção de graça pela vitória Winston Churchill e o major Clemente Attlee, caminhando lado a lado, foram objecto das mais entusiásticas manifestações de simpatia por parte da multidão que se aglomerava nas ruas do percurso. O sentido real e profundo dessas manifestações não podia oferecer dúvidas a ninguém.

A Inglaterra unida preparava-se para realizar as tarefas da paz, com o mesmo espírito de unidade nacional e de compreensão internacional com que soube lutar e vencer durante uma guerra que se prolongou, em todos os recantos do mundo, durante quasi seis anos. Essa unidade é o melhor e o mais seguro penhor de que, na paz como na guerra os seus filhos saberão, mais uma vez, dominar tôdas as dificuldades e todos os obstáculos que porventura venham a levantar-se no seu caminho.

MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e impressão: Neogrevura, Id.º — Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$80

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Na aula do professor Neto Portugal, que bateu o record de instrução dos presos em tôdas as cadeias do mundo

A PENITENCIÁRIA

POR DENTRO

NEM tudo, felizmente, é incompreensão humana. Se muitos homens tentam destruir a força indomável de um dever generoso, outros há, porém, para quem a vida é motivo de grandeza moral. E estes não são tão raros como se julga.

Entre tantos idealistas, cuja existência é um exemplo optimista de fraternidade e de entendimento, vem a propósito a citação de um nome: o do sr. Manuel Neto Portugal.

Talvez o leitor não tivesse até agora tomado conhecimento dêste nome. Pois, merece que a êle dediquemos algumas linhas de referência.

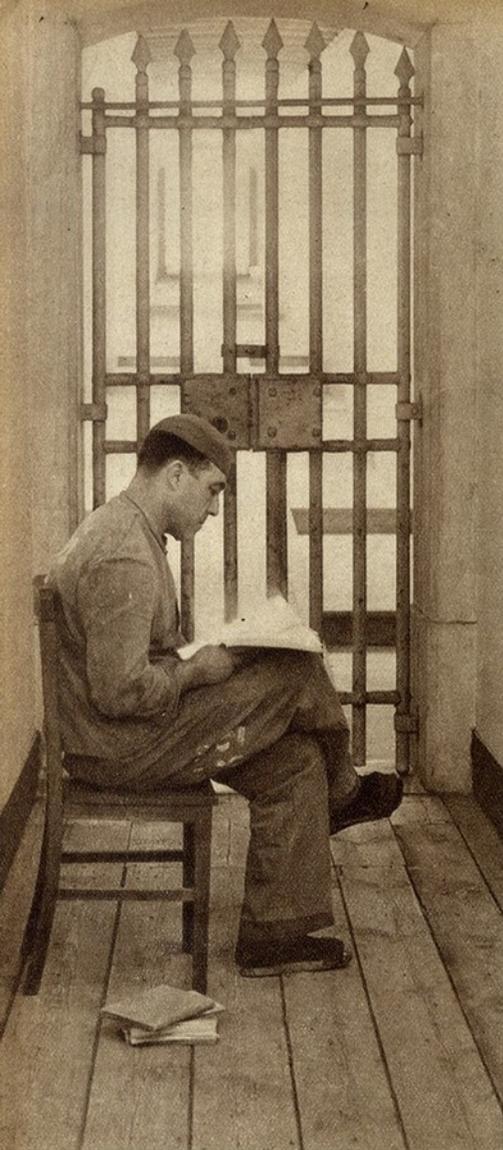
A sua vida é a demonstração de um carácter e de uma vontade animados por um sentimento de bem-fazer.

Terá, porventura, o seu quê de novelesco e romântico, mas se tirarem à vida o que ela possui de romance e de generoso, pouco deve ficar.

Pois, Neto Portugal foi, e é o protagonista de uma admirável novela — pois a sua luta foi tão viva e sentida que nem sequer lhe faltou certa porção de melancolia. Neto Portugal é



Os melhores alunos são recompensados com livros escolhidos. Um pouco do mundo, que está para lá das grades, chega assim até êles



O professor Neto Portugal, no meio dos seus alunos, alguns dos quais são sexagenários

hoje professor na Penitenciária. Êste facto, que parecerá banal, encerra no entanto uma história. Desta podemos contar alguns passos nobilitantes.

Manuel Neto Portugal, começou bem novo a sua luta. Lutar na vida com dignidade e triunfar, deve ser o maior orgulho do indivíduo. E Neto Portugal conseguiu-o.

Ainda muito novo começou a sua existência humilde de artifice, entregando-se à simples profissão de funileiro. Assim viveu modestamente, mas com dignidade. Um dia sabendo que havia na Penitenciária de Lisboa uma vaga de funileiro concorreu a ela e preencheu-a. Decorreram tempos; e aos vinte anos Manuel Portugal senta praça. Entrou sem conhecer uma letra do alfabeto; ao cabo porém, de uns tempos era êle que ministrava o ensino primário aos soldados. Depois

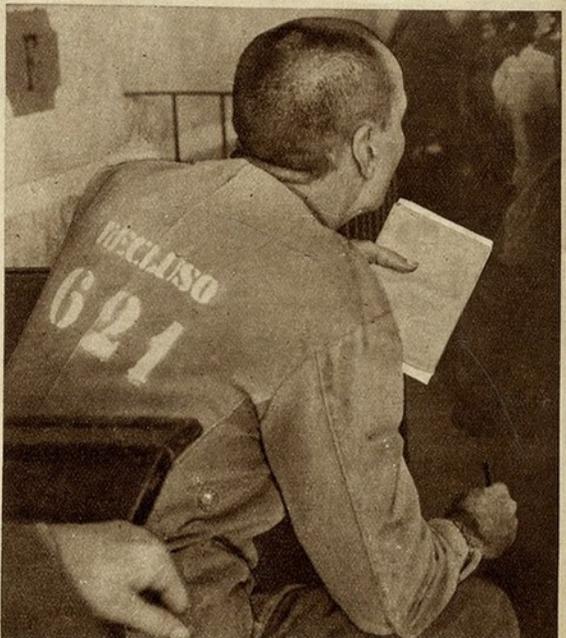
desta obra merecedora de exaltação o "professor primário", sentiu a legítima necessidade de continuar a estudar — de ir mais longe.

Tira o curso dos Liceus e actualmente está a tirar o curso de Direito na Faculdade, ao mesmo tempo que se dedica à obra admirável de dar um pouco de luz aos pobres reclusos da Penitenciária. São maus estes homens isolados da sociedade por haverem praticados êrros e atentado contra a moral pura do homem? Não importa. Se os homens bons se tornam por vezes maus, é de estranhar que estes possam transformar os seus instintos e serem úteis à própria sociedade que os condenou?

Tudo, porém, se pode conseguir na vida, basta para isso que se seja possuído de um espirito de sacrificio

(Continua na página 30)

Uma hora de estudo que é uma hora a menos de clausura



O 621 responde. É um bom aluno de geografia. Ama os espaços ilimitados como contraste à sua reclusão

Uma galeria da Penitenciária. Depois da aula, o prêso tem permissão de ficar com a cela aberta, durante duas horas

SERENIDADE

É doce e casta esta Eva que, no silêncio do atelier, pousa para os pintores. Quem lhe decifrá, porém, o mistério da beleza imaculada? As suas linhas são um cântico de mármore, de um mármore rosado e quente, onde a vida palpita cariciosamente. Já não é a mulher que ali está; mas o modelo harmonioso, que as tintas vão reproduzir para a eternidade, se o gênio da arte se fundir com as cores, numa substância em que o sonho e o espírito estranhamente se amalgamam.

Dir-se-ia que o ar a veste de uma túnica imponderável e que ela própria, numa sugestão apaixonada de ritmo, escolheu a atitude mais elegante e a expressão mais perfeita, imortalizando assim a Beleza.



A "RONDA DA NOITE" DE REMBRANDT VOLTA A AMSTERDÃO

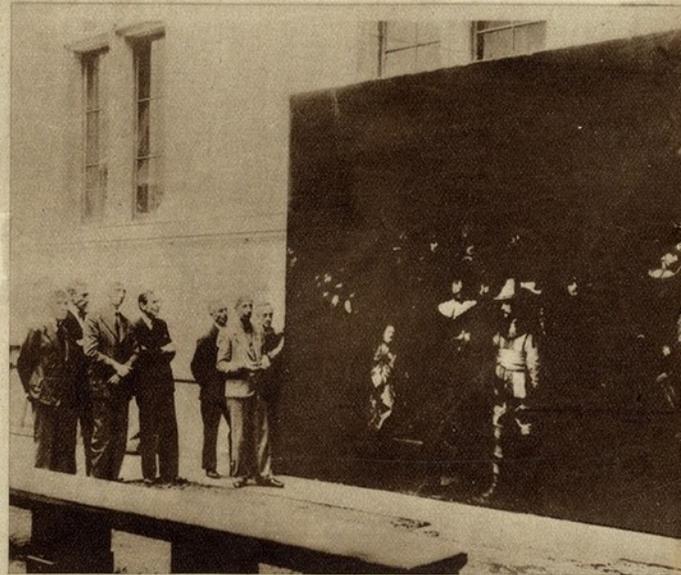


Depois de ter estado em lugar de segurança, desde que deflagrou a guerra na Europa, em 1939, voltou a ocupar o lugar a que tem direito, no «Rijksmuseum» (Museu Imperial) de Amsterdão, a tela inestimável de Rembrandt, «Ronda da Noite».

Quando começaram as hostilidades, esse tesouro artístico foi levado para um esconderijo numa montanha de S. Pietersberg, perto de Maastricht, no Sul da Holanda. E, enquanto durou a ocupação alemã, a Câmara Municipal de Amsterdão, sua proprietária, delegou numa Comissão especial para a protecção de obras de arte a responsabilidade da sua conservação, a qual mandou montar-lhe uma guarda permanente.

Os aliados, uma vez libertada a Holanda, fizeram-no transportar, num barco especial, através dos canais holandêses, para Amsterdão, onde foi secretamente entregue ao museu.

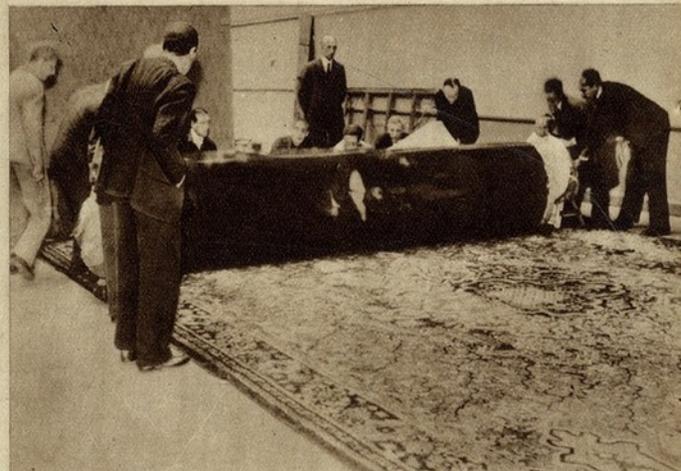
Uma das extremidades da caixa de madeira contendo o famoso quadro, que estava envolvido em flanela e oleado



O famoso quadro «A Ronda da Noite» vai ser colocado



Peritos de arte do museu imperial de Amsterdão examinando a obra prima de Rembrandt, que se apresenta invertida



Todas as cautelas são poucas. O desenrolar da tela, peça capital do grande pintor holandês

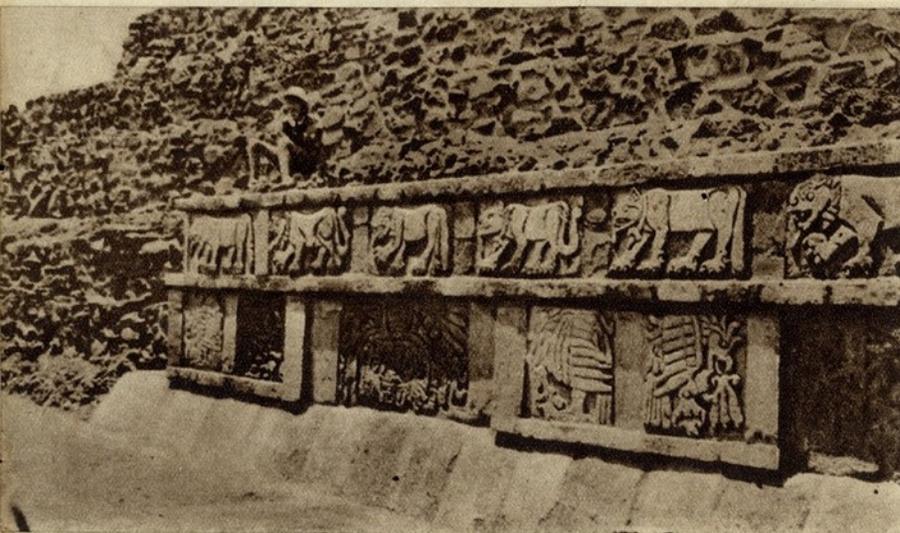


Duas secções da parte central do extraordinário padrão, agora revelado em Tula, no México

O ESPLENDOR DAS VELHAS CIVILIZAÇÕES



Esta gigantesca coluna é um dos testemunhos mais belos dos toltecs

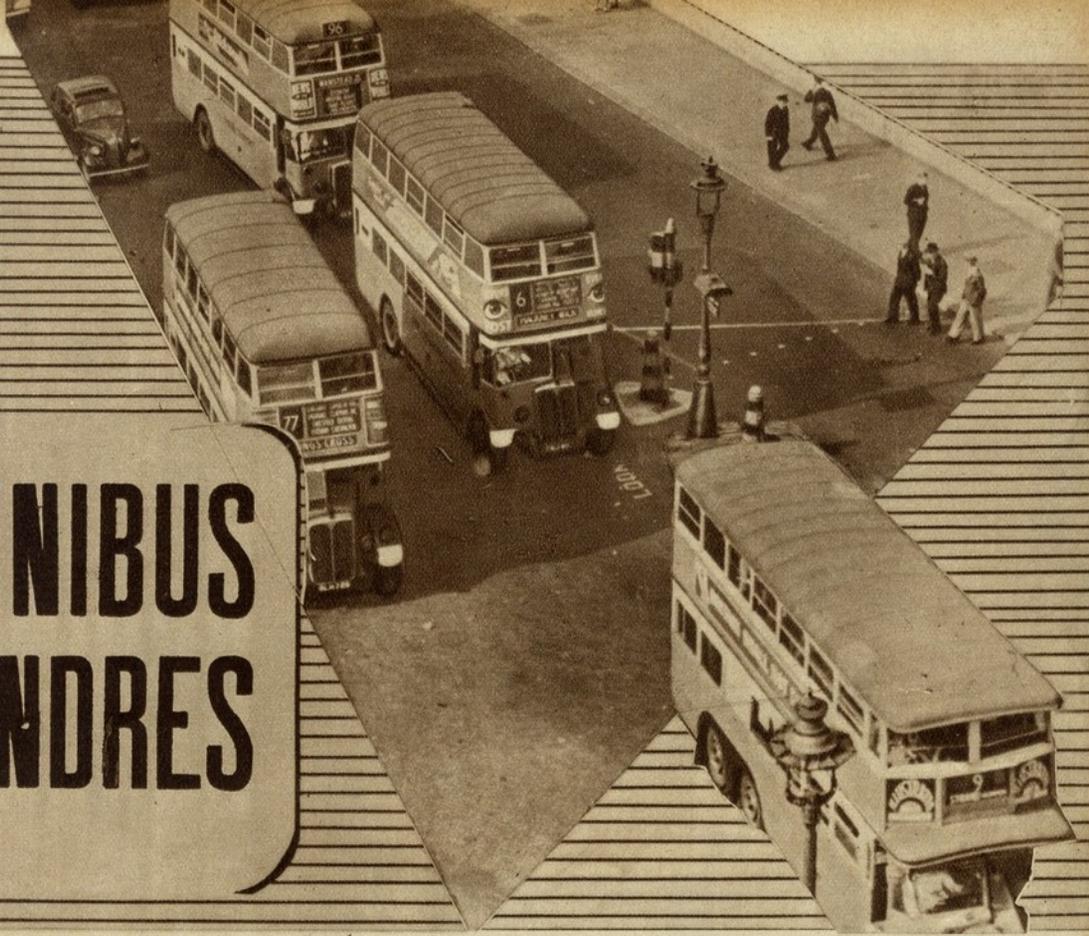


Baixo relêvo da base de uma das pirâmides, decorado de tigres, modelados com intenso realismo

Não só a civilização dos «aztecs» atingiu no novo mundo um grande esplendor. Sobre a costa do Pacífico, ao longo de toda a América, sobretudo no México e na república do Peru, encontram-se extraordinários documentos de outras raças, vigorosas e fortes, que deixaram imperecíveis testemunhos da sua força de construção arquitectónica, do seu ideal de beleza, a sua expressão religiosa. Entre outras, por exemplo, os *toltecs*, que há oitocentos anos, povoaram o Vale do México. Sob o pó dos séculos, se não destruídos pelos abalos sísmicos, desapareceram cidades, templos, baluartes, pirâmides. Alguns fragmentos monumentais ficaram atestando o nível estético dessa raça. Agora, não muito longe da cidade do México, em Tula, no meio de uma região desértica, encontraram-se duas pirâmides desmoronadas e numerosas pedras lavradas, com singular poder decorativo. O achado é de um valor extraordinário. Por esses testemunhos, tão curiosos, pode reconstituir-se a vida dos toltecs. O grande padrão, cuja fotografia, inserimos, será possivelmente um totem, o qual era coroado por uma gigantesca cabeça de índio.

Os arqueólogos estão estudando os vestígios dessa cidade. Dir-se-ia que as pedras milenárias falam, atestando uma civilização que deve ter sido, na verdade, grandiosa. Como se sabe, na América do Sul, os «mayas» ergueram também alterosos monumentos que são muito semelhantes aos que se acharam agora no vale do México. Tanto um povo como o outro amavam as «linhas rectas» e a solidez das suas obras — que parecem desafiar os séculos.

OS OMNIBUS DE LONDRES



DURANTE toda a guerra havia nas ruas de Londres mais omnibus e táxis do que qualquer outra espécie de veículos. Todavia, para poupar gasolina, borracha e mão de obra masculina, era, de facto, menor o número de uns e de outros: menos omnibus para transportar mais gente visto que os carros particulares havia muito que tinham desaparecido das estradas e todos os operários de Londres e todos aqueles que iam às compras ou iam visitar amigos tinham que utilizar esse meio de transporte.

O serviço de omnibus é variável. Um número maior de carros completa trajectos inteiros durante as horas de maior afluência, de manhã e à tarde, do que no meio do dia. Durante os períodos da «blitz» intensa e dos ataques das bombas voadoras, o serviço não parou, embora tivessem perdido a vida muitos motoristas e condutores e tivessem sido completamente destruídos muitos carros. Os omnibus de Londres tinham que suportar ainda outro esforço: entravam habitualmente em serviço na Grã-Bretanha 5.000 carros novos em cada ano mas, desde 1939, poucos são os omnibus construídos o que reduz muito a proporção para a própria cidade de Londres.

Para obviar a este esforço, tanto motoristas como engenheiros têm feito tudo quanto é possível para poupar o desgaste derivado ao uso. Tem-se dado emprego novo a muitas das peças gastas e não se deitou fora coisa alguma que pudesse ter emprego de qualquer outra maneira. Um número menor de paragens significa menos esforço exigido a motores e pneumáticos e a Comissão de Transportes de Londres fixou paragens mais importantes, onde as pessoas faziam bicha, de preferência a maior número de paragens intermediárias.

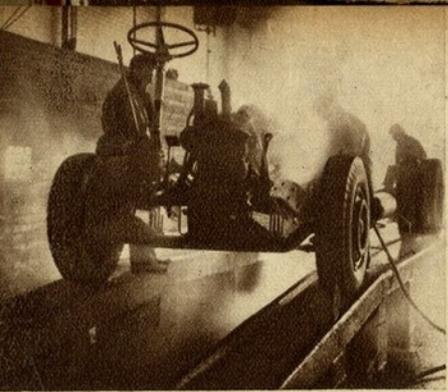
Além destes expedientes do tempo de guerra, de consertar e fazer durar, existe um serviço permanente de beneficiação dos omnibus pelo qual todos os carros têm que passar durante toda a sua existência. Todos os dias há carros que recebem baixa para reparações correntes mas de dois em dois anos todos eles são completamente desmontados, todas as partes componentes limpas, inspeccionadas, reparadas ou substituídas, depois do que o omnibus é montado e pintado de novo.



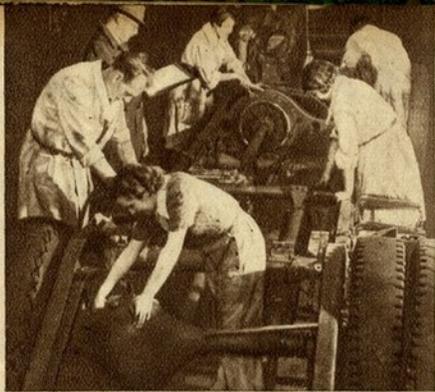
Um omnibus entra para as oficinas da Comissão de Transportes de Londres, para a sua beneficiação bienal



O carro é completamente desmontado. Primeiro, retira-se a super-estrutura de cima do chassis e coloca-se sobre uma vagoheta baixa para ser facilmente removida para outra secção



Tira-se a gordura do chassis por meio de jactos de água a ferver



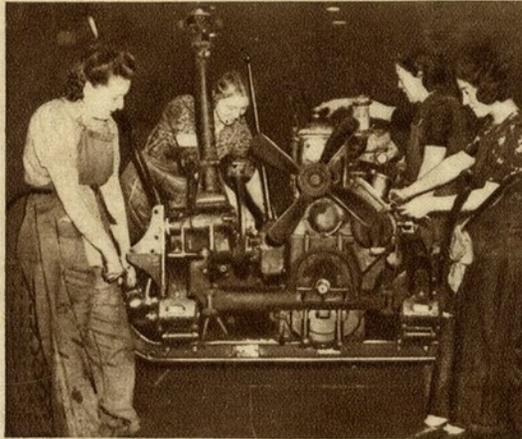
O chassis é todo desmanchado à medida que que se move, lentamente, sobre um transportador mecânico



As rodas e outros acessórios pequenos passam por outra máquina de lavar, onde jactos de vapor removem toda a sujeira

Pode classificar-se de gigantesca esta beneficiação, pois completa-se em 24 horas!

É já uma tradição de Londres que os seus omnibões sejam pintados de vermelho vivo e levantaria alarido se estas linhas vermelhas, já tão habituais, se não estendessem por toda a parte na grande metrópole. Fazem parte integrante da atmosfera de Londres. Antes da guerra o condutor dos omnibões londrinos tinha um tipo definido mas, agora, o seu lugar foi quase inteiramente ocupado por mulheres que vêm de todas as espécies de profissões. É possível que dentro em pouco o condutor volte ao seu antigo percurso e que as raparigas, que de maneira tão magnífica têm efectuado este trabalho duro regressem gradualmente às suas antigas ocupações.



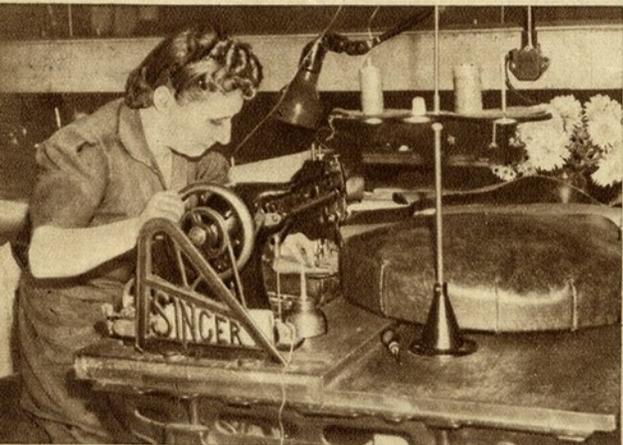
Mulheres tornam a montar o chassis, depois de limpo e reparado



Arranjando o arco da roda. Brocam-se novos furos



O tejadilho estava seriamente avariado e faz-se um novo, de metal



Fabricando assentos para o motorista. O fôrro é cosido à máquina



Ao fim de 24 horas, o omnibões volta ao serviço. Durante a guerra grande parte do trabalho de beneficiação foi feito por mulheres

OS TECIDOS DE HOJE INSPIRADOS PELA GUERRA



A guerra trouxe uma nova era à música da Grã-Bretanha, assim como à sua arte e ao seu teatro — e a tremenda originalidade dos seus desenhos têxteis é mais uma dessas renovações.

Os novos desenhos são de grande originalidade no que respeita a pinturas ilustradas — inspiradas, principalmente, nos folhetos de propaganda, que são os embaixadores da boa vontade britânica nos países neutros, especialmente na América do Sul. Esses folhetos, transcritos para cache-cols, que é a maneira mais prática para exportação em pequena escala, contam a história da vida na Frente Interna com grande imaginação: «Aproveitamento», «Empréstimo Nacional», «Publicidade nas paredes de Londres», «Guarda Metropolitana», «Bombeiros». Também se viam «Em marcha», «França livre», «RAF», e outros títulos estritamente guerreiros. Arnold Lever, um dos mais importantes desenhadores de tecidos,

agora na RAF, é o autor de muitos destes desenhos de traços largos, coloridos e cheios de intenção. Muitos dos seus desenhos de propaganda vieram, pelo ar, da África do Sul; onde ele os fez nas suas horas vagas; um deles — «Guarda Metropolitana» — foi desenhado em papel de jornal, em Salisbury Plain, Inglaterra. Outra artista brilhante é Mrs. Neven du Mont. Estes tecidos estampados são todos de muito bom vestir e cheios de personalidade, tendo obtido grande êxito; os rapazes americanos que se encontram em Londres têm facilidades especiais para mandar cache-cols de propaganda «para a terra». Uma das mais conhecidas fábricas de tecidos envia regularmente uma média de 200 caixas por dia.

Estes tecidos estampados foram o princípio na nova tendência para a «pintura ilustrada». O próprio Arnold Lever já adaptou a sua técnica a assuntos de paz. O seu «Sadler's Wells Ballet», com assinaturas dos mais famosos bailarinos, é um dos mais belos. Outros desenhadores inspiraram-se em assuntos como «A área londrina» e «Transporte» (uma série de pequenas figuras desde coches e cadeirinhas até os aeroplanos), com os quais se conseguiram desenhos adoráveis. O colorido varia entre as cores excepcionalmente vivas e a aquarela de tom monótono ou de dois tons. Graham Sutherland nas suas estampas estilo crayon, e Mary Kessel em pinturas encantadoramente sombrias, usaram cores esmaecidas com grande efeito. Os tradicionais desenhos ingleses também serão

usados mas de maneira diferente. As gravuras de madeira dos séculos XVII que outrora se penduravam nas paredes como ornato encantador, estão hoje sendo impressas sobre a mais fina lã, algumas em sépia, outras em azul-turquesa. Destas lãs serão feitos lindos vestidos de jantar e roupões de casa. Outros desenhos antigos foram estampados, prontos a serem aplicados em musselina de lã assim que a produção desses tecidos estiver livre de todas as restrições. As lãs inglesas para depois da guerra serão de cores fixas e sem perigo de encolherem.

As mulheres inglesas estão esperando avidamente um «novo guarda-roupas». (Os homens também, embora não se ralem tanto com os novos tecidos estampados!) Após quatro anos monótonos, não só elas mas todas as mulheres do mundo querem belos coloridos e estampados berrantes. É curioso notar que os desenhos dos tecidos futuros são inspirados pela guerra. Mas o fato é que o trabalho experimental feito durante a guerra à custa de sacrifícios e lutas marca o início de novos fabricos que provarão o seu valor assim que as condições o permitam.



Bianca Mosca, figurinista londrina, mostra um tecido estampado de Arnold Lever — à direita. Este artista desenvolveu uma técnica que vai influenciar directamente os futuros desenhos de tecidos





Alguns dos novos desenhos: (De cima para baixo) «Sadler's-Wells» Ballet», «Trajes regionais brasileiros», «Cocktail», (com rótulos de garrafas), «Esporas de Major» (com esporas de museu), «Roca e fuso», e um soberbo desenho do século XVIII

Vivien Leigh veste um tecido estampado, de propaganda chamado «66 coupons» — mostrando tôdas as espécies racionadas. Estes tecidos reproduzem a vida na frente interna britânica e, feitos em cache-cols, voaram para além-mar, onde contaram a sua história (foto Vogue)

Vestido de jantar Jacquar com o estampado «Música enquanto se trabalha». Tambores, trompettes e saxofones, brilhantemente coloridos, sobre tecido de lã fina. Depois da guerra, o mundo inteiro vai conhecer tecidos como estes, que irão encher os guarda-roupas universais





O almirante Nimitz, chefe supremo das forças navais americanas, condecorando seu filho o tenente Chester Nimitz, comandante de um submarino, por feitos de guerra

O JAPÃO DERROTADO



A luta em Okinawa foi tremenda, mas os yankees venceram e, dali, bem se pode dizer, que desferiram o golpe mortal que fez baquear o Japão



As tropas anglo-australianas quando desembarcaram em Borneo. De nada valeu a resistência encarniçada dos japoneses. Foram vencidos

A rendição do Japão marca o triunfo final das Nações Unidas no maior e mais vasto conflito que a História regista. Os Aliados lançaram sobre o agressor asiático o mais convincente e poderoso ataque, que o obrigou a vergar-se. Enquanto lhe assestavam este golpe, os Aliados reiteravam em Potsdam, em 28 de Julho, o pedido de rendição incondicional. Os japoneses prestaram, agora, devida atenção aos avisos de que toda a força aliada estava ainda por entrar em acção.

No domingo, 5 de Agosto, uma Fortaleza Voadora lançou uma única bomba atômica sobre o Japão, duas mil vezes mais poderosa que qualquer bomba anteriormente usada.

Os cientistas americanos e ingleses trabalharam afanosamente na energia atômica — força básica do Universo. Na segunda-feira, 6 de Agosto, o Presidente Truman avisou os japoneses de que caminhariam para uma ruína sem precedentes a não ser que acetassem, prontamente, o ultimatum de Potsdam.

Na quarta-feira, 8 de Agosto, a União Soviética, fiel aos seus deveres de Aliado declarou guerra ao Japão, a fim de acelerar a obtenção da paz. Molotov, Comissário para



Lord Luis Mountbatten, chefe das operações combinadas na Ásia. O talento estratégico dos britânicos encontrou no glorioso oficial uma das suas supremas expressões. Mountbatten falando aos marinheiros



Todo o horizonte está em fogo. A esquadra anglo-americana bombardeando, intensamente, uma ilha ocupada pelos japoneses. As forças desembarcaram numa operação coroada de êxito



O general Mac-Artur, herói da guerra do Pacífico que tão nobremente, se bateu nas Filipinas, onde depois voltou para desalojar os japoneses, e que recebeu, agora, na sua qualidade de comandante supremo das forças aliadas, no Pacífico, a rendição dos japoneses

os Negócios Estrangeiros da Rússia, revelou que os japoneses, em meados de Junho, pediram a «mediação» do seu país, mas que a União Soviética estava participando no ultimatum aliado. Na quinta-feira, 9 de Agosto, o exército vermelho entrou pela Manchúria, numa larga frente.

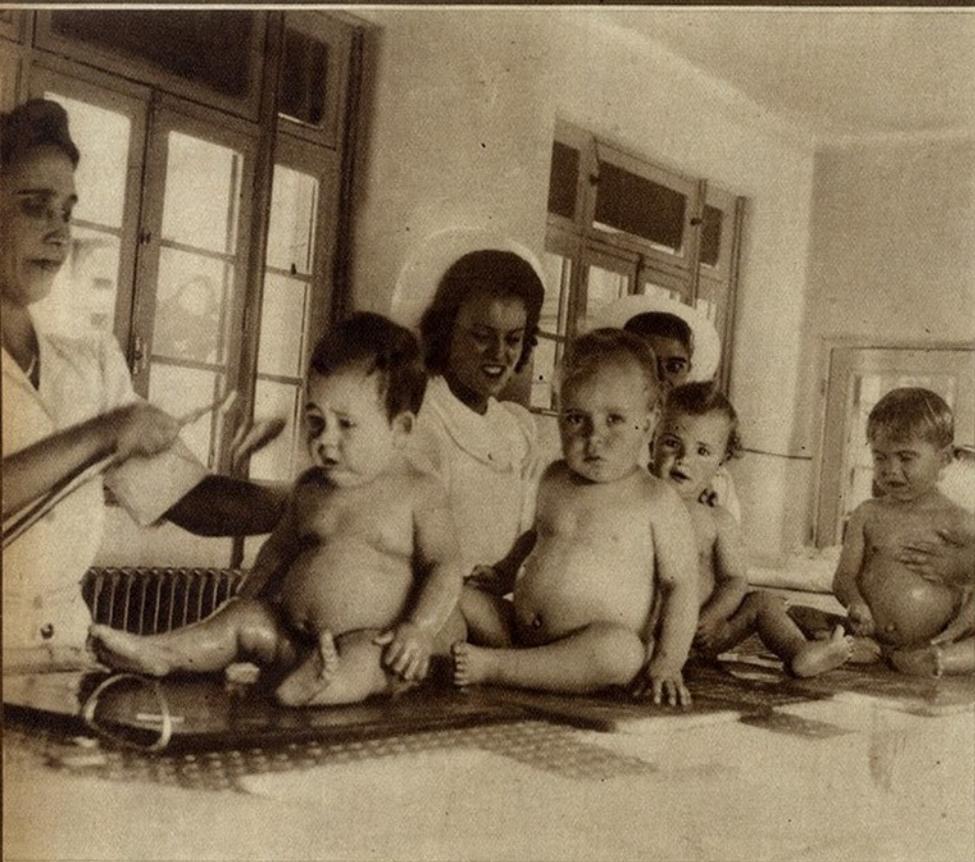
O fim da guerra encontra esmagada a outrora orgulhosa marinha de guerra imperial japonesa — principalmente pela Esquadra dos Estados Unidos. Encontra em estado caótico o seu território metropolitano, graças aos efeitos das bombas atômicas e dos repetidos bombardeamentos efectuados, quer pelas Super-Fortalezas e aviões leves, com base em terra e nos porta-aviões americanos e ingleses, quer pelos canhões das esquadras combinadas americana e inglesa.

É o fim que teve a Alemanha, cúmplice do Japão, na prepetração de crimes.

É o fim inevitável dos agressores, cuja nação foi arrastada para uma guerra de destruição de vidas e escravização, de uma guerra cujas sementes foram lançadas na Manchúria em 1931 e criaram raízes no bom terreno da China e para além da pequena ponte de Marco Polo, alguns anos mais tarde. Os seus ramos estenderam-se a Pearl Harbor em 1941, ceifando vidas nas Filipinas, na Indonésia e no Su-

(Continua na página 22)

IDADE DE OURO...



A hora de banho. Já não é preciso tina. O duche é mais prático

ESTA palavra — «Creche» — tão pequenina e breve, tão suave e terna como as palavras Mãe e Amor... parece feita de meiguice e de bondade, numa expressão de enternecido encanto. E' assim mesmo que a compreendo e sinto agora, ao escrever esta crônica acêrca da grande e formosa Creche da «Empresa Fabril do Norte», na pitoresca freguezia da Senhora da Hora e que, a par de outras organizações de Assistência Social, all' instituídas, se evidencia, sem dúvida, entre as que melhor existem no nosso País. E visitando-a, fãcilmente se compreenderá a amorável e constante simpatia que um grande público nacional e estrangeiro lhe dispensa.

Em verdade, naquela Creche, tudo é atraente e sugestivo, na lição viva dum edificante exemplo de solidariedade humana.

A Creche da «Empresa Fabril do Norte» está instalada num edificio próprio — primorosamente concebido e modestamente realizado, com tódas as suas dependências bem orientadas em relação aos pontos cardiais: amplos ventanais e janelas — com persianas que defendem a entrada do escaldante sol de verão — permitem uma conveniente inundaçào de luz e de ar — temperado, quando é preciso, por uma excelente difusão de aquecimento central: pavimentos de mosaico miudinho e de harmoniosa polícromia, sem quinas vivas e sem frestas. E é surpreendente a diversidade das suas instalações e dependências, tódas bem coordenadas e bem orientadas na mes-



Um lindo dormitório, onde as caminhas, como os sorrisos das crianças, são todos iguais



Depois do banho, são cuidadosamente vestidas. Alguns pequerruchos parecem bonecas



Sol e ar fazem crescer. Trinam como os pardais numa aleluia de júbilo



Qual deles será um futuro Tarzan? Corpulentos e sádios



A sala dos brinquedos, com móveis da escala humana das crianças



É neste resguardo que eles aprendem a andar. Os primeiros passos do grande caminho da vida



E comem. Há leite em abundância. Tudo é, higiênicamente, branco

ma finalidade assistencial; a sala de recepção, onde, logo de manhã, se despojam as criancinhas das roupas que trazem de casa e que se guardam em sacas brancas especiais — etiquetadas com o mesmo número da pulseira de identificação do seu pequenino dono e devidamente pulverizadas com D. D. T., por causa duns atrevidos e indesejáveis intrusos com que persistência incrível, tentam invadir e profanar o impecável asseio daquele templo da limpeza; a sala de amamentação, com as suas «boxes» individuais, separadas por placas de vidro; a sala de recreio, com o mundo de encantos dos seus brinquedos e o complicado mistério dos seus labirintos recreativos; a acolhedora casa de banho, com a sua mesa-banheira, onde se lavam, ao mesmo tempo, quatro ou seis crianças com água tépida ou quente, o vasto refeitório com mesas estreitas e compridas e as suas cadeirinhas de braços, confortáveis e giratórias; as duas cozinhas separadas e dotadas de fogões eléctricos — uma para a preparação do leite e das farinhas; outra para a comida gorda, com seus fri-

(Continua na página 30)

O PAÍS DA ÁGUA



Um velho pescador de Spakenburg que, pacientemente, concerta a sua rede. O Zuyder-zee não tem para ele segredos



Típicas camponesas neerlandesas, com as coelhas características e sobre a blusa um resguardo mais ou menos artístico utilizado nos serviços de limpeza



Depois da derrota dos alemães, a população voltou em massa para os seus lares. Um soldado inglês verificando os documentos de identidade



Ele e ela, de bicicleta pelas ruas de uma cidade libertada. Há quanto tempo já não davam aquele passeio

A próspera Holanda, modelo de economia e do valor de um povo vigoroso e operoso, não se deixou, porém, abater. O optimismo dos seus filhos é o melhor antídoto contra as dificuldades presentes. Agora como que sorri. A vida, nas suas aldeias, renasce. As mulheres voltam aos *polders*, guiando o gado; e os homens, de socos de madeira, barrete de lã e cachimbo fumegante, fazem-se ao mar, no instinto atávico que os fez, através dos séculos, grandes e notáveis marinheiros. Portugal tem pela Holanda uma especial simpatia. Não esqueçamos que há ali numerosas famílias onde corre o nosso sangue, oriundas daquêles judeus que saíram da nossa terra, no tempo de D. Manuel, e que para ali levaram muito das características da cultura lusitana. Essa falange humana destacou-se especialmente na lapidação de pedras preciosas, hoje afamadas em todo o mundo. Quando a Holanda foi invadida, essa indústria preciosa foi, graças a uma audaciosa operação, transferida integralmente para a Inglaterra, de onde volta, agora, intacta. Algumas palavras do nosso idioma estão vinculadas ao holandês, existindo até uma aldeia com o nome de Portugal.



Sorriso de alegria. A paz estende-se agora sobre os polders verdes e fecundos



Voltaram à pátria, e o seu primeiro cuidado foi envergar os trajos regionais para o fotógrafo lhes tirar o retrato



A graça tranqüila e doce da mulher holandesa, uma das mais trabalhadoras do mundo

A Holanda foi, durante alguns séculos, um país feliz na Europa perturbada. Gente amável, hospitaleira, industriosa com um senso pitoresco do humor, dividindo a sua actividade pela indústria e a agricultura, ela vive agora flagelada pelos horrores de uma luta, que não provocon, nem desejou. A florescente Holanda assolada pelos alemães é hoje, em grande parte, um campo de ruínas. Grandes extensões do seu território foram inundadas pelas águas o que equivale a dizer que, durante muito tempo, os campos, de salgados nada produzirão. Roterdão, um dos maiores portos do mundo e cidade de privilegiada beleza, foi impiedosamente, bombardeada pelos alemães, logo no princípio da guerra. Mas a Holanda não se bateu, apenas, na Europa; bateu-se também nas Índias Orientais, constituídas por numerosas ilhas, cuja superfície geográfica é quasi do tamanho dos Estados Unidos.

O JAPÃO DERROTADO

(Continuação da página 17)

deste da Ásia e, agora, colhem os frutos os semeadores da destruição.

Numa calma manhã de domingo — 7 de Dezembro de 1941 — os bombardeiros japoneses apareceram roncando sobre os céus de Pearl Harbur, em Hawai, e lançaram um ataque que se destinava a invadir e imobilizar a Esquadra americana ali estacionada.

As forças japonesas, entretanto, já tinham conquistado quasi todos os objectivos importantes na China.

O Japão queria expandir-se mais, mas a Esquadra americana no Pacífico era uma ameaça sempre presente. Contudo, a finalidade em vista com o ataque a Pearl Harbour não foi atingida, embora as forças navais e aéreas dos Estados Unidos tivessem sido severamente danificadas.

Desde esse dia até o verão seguinte, as forças japonesas espalharam-se, quasi sem opposição, pelo Sul, Sudeste do Pacífico e Nordeste da Asia.

Os Aliados, como a maioria das nações amantes da paz, não estavam preparados para a guerra, e nada tinham capaz de fazer parar o inimigo.

A estratégia Aliada foi, primeiramente, de meras acções de retardamento. Era uma estratégia ditada pela premente necessidade — pois que, em Pearl Harbour, cinco couraçados americanos haviam sido afundados e danificados nove outros navios de combate. Assim, em meados de Abril de 1942, os japoneses estavam já estabelecidos nas Filipinas, Índias Ocidentais Holandesas, Malaca, Birmânia e nos arquipélagos de Salomão e Bismarque. Ameaçavam directamente a Austrália.

Em Maio de 1942, porém, foram repentinamente sustados na sua tentativa de invadir a Austrália, na Batalha do Mar de Coral. Durante este encontro, foram-lhe afundados quinze navios, incluindo dois porta-aviões, 20 danificados e mais de cem aviões destruídos. As perdas americanas foram: o porta-aviões Lexington, um contra-torpedeiro e 66 aviões.

Os japoneses também ameaçavam a Austrália da Nova Guiné, ilha montanhosa densamente arborizadas que fica justamente na parte norte do seu lado oriental.

Em Agosto de 1942, furiosas unidades japonesas lançaram um ataque em direcção ao vital Pôrto Moresby, na costa sul da ilha em poder dos aliados. Outras forças inimigas desembarcaram na baía de Milne, na muito estreita ponta oriental da ilha, mas foram varridas antes que pudessem estabelecer uma base para forçar o seu avanço para a costa sul em direcção ao Pôrto Moresby.

Em Setembro, tropas americanas e australianas, sob o comando de MacArthur, sustentaram o inimigo a 54 quilómetros do Pôrto Moresby, nas

(Continua na página 20)



O marechal Chang-Kai-Shek, um dos chefes vitoriosos da guerra no Oriente que, denodadamente combateu os japoneses, durante oito anos



O novo embaixador de Inglaterra, Sir Owen O'Malley, à saída do Palácio de Belém, depois de ter entregue as suas credenciais do Chefe do Estado

FIGURAS E FACTOS



O sr. Presidente da República e Cardial Patriarca com o rev. Crowley, que tem uma obra notável de assistência social em Porto Brandão



O sr. embaixador de Inglaterra, acompanhado pelo representante do Chefe do Estado e pelo sr. dr. Oliveira Salazar saindo da igreja de S. Jorge, onde assistiu à cerimónia pelo fim da guerra

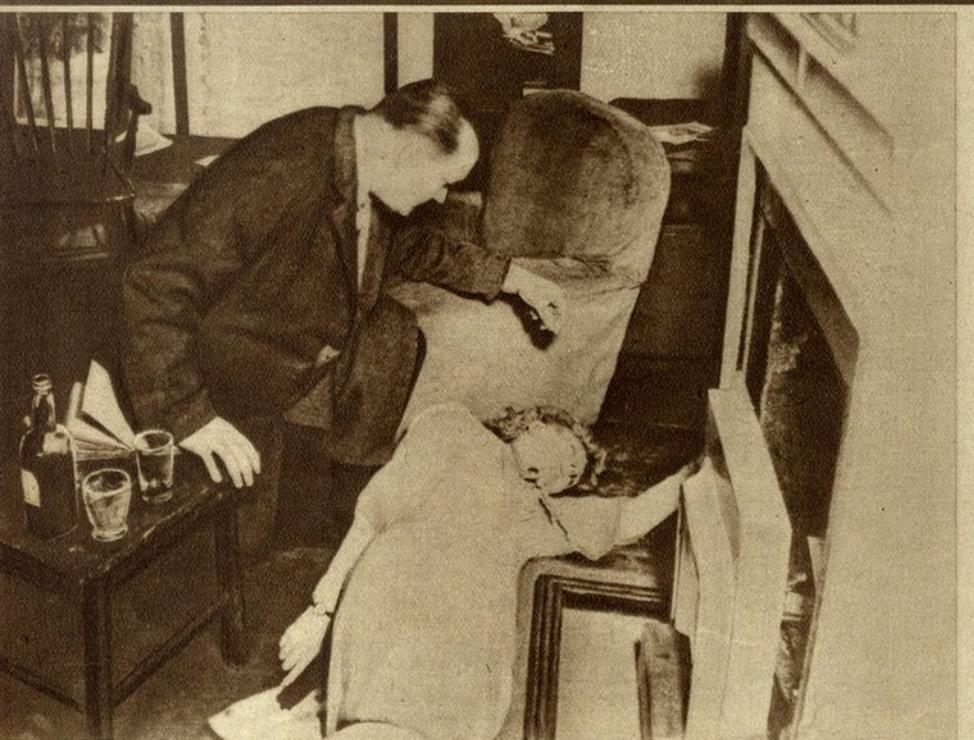


O sr. general Carmona com os membros do Governo que assistiram à festa em Queluz em honra da missão ortográfica brasileira



O sr. ministro da Educação com os velejadores portugueses que foram a Espanha disputar os campeonatos ibéricos

O ALIBI



CONVENCIDO de que o caso seria tomado como um suicídio, Jack escapou-se pela porta da entrada, enquanto a criada, que saíra no seu passeio semanal, entrava pela porta de serviço.

Um minuto depois a criada telefonava para a Polícia que participou a ocorrência a uma patrulha-automóvel que andava no bairro.

Três minutos depois, o inspector Cobbe entrava nos aposentos, encontrando Queenie com uma bala na cabeça e um revólver na mão. O relógio tinha, aparentemente, batido na mesa quando da queda e parara às 9 horas e 1 minuto. De acordo com as declarações da criada, o relógio costumava andar certo.

Uma pista levou o inspector Cobbe a suspeitar que houvera crime, esmagando o alibi de Jack.



MOLLIE disse em segredo a Jack Clare: Foi uma pena que tivesses cortado as relações com a Queenie porque ela, agora, pode denunciar-te à Polícia. Por caso sei que esta noite está em casa. Obrigado — respondeu-lhe Jack, deitando um olhar ao relógio. Às 9 e 0 minutos Jack tocava à campainha de Queenie.



ASSIM que Queenie abriu a porta, Jack disparou contra a temporária direita com uma pistola silenciosa; arrastou o corpo para junto do sofá, bateu propositalmente o relógio para o obrigá-lo a parar, acertou os ponteiros em hora que escolheu, e abriu o fogão ao máximo, para manter o corpo quente. (Apesar de estarem em Junho, o tempo estava bastante frio, o que justificava plenamente o uso do fogão).

QUAL FOI A PISTA?

(Ver a solução na pág. 30)

(Continuação da página 1)

«DUQUE DE YORK» deu primeiro com inimigo ao alcance máximo de 45.500 jardas (22 3/4 milhas) que reduziu a 12 000 antes de abrir fogo e há provas de que o «SCHARNHORST» desconhecia absolutamente a sua presença até à primeira bordada.

Um combóio valioso podia ter sofrido um desastre e o «SCHARNHORST» podia ter escapado depois daquela primeira troca de tiros se o Radar não estivesse ao nosso dispor para o descobrir e seguir no crepúsculo daquelas águas do extremo norte. Assim, esta formidável unidade inimiga foi perseguida, obrigada a dar combate e afundada numa luta naval clássica com um mínimo de avarias e de baixas para a Real Marinha de Guerra.

Sem o auxílio do Radar é possível que o «BISMARCK» pudesse ter sido bem sucedido na sua arremetida final para sueste em demanda da protecção no porto de Brest. De novo foi o Radar que permitiu aos barcos de guerra britânicos manter contacto com o «SCHARNHORST» que, de outra forma, na meia escuridão do cabo Norte, poderia ter-se escapado e fugir ao castigo. Em ambas estas acções o tempo teria normalmente tornado impossível descobrir o alvo ou travar combate com êle com qualquer margem de certeza ou de precisão. O Radar forneceu, em primeiro lugar, os olhos e deu ao tiro um grau formidável de precisão.

Os Olhos da Fôrça Aérea

No ar, o Radar tem sido um auxiliar poderoso. Revelou-se de inestimável valor para os porta-aviões, permitindo-lhes dirigir em os seus próprios aviões aos alvos e indicar-lhe a aterragem no convés em condições de tempo que, uns anos atrás, teria impedido completamente qualquer tentativa de voo. Foi possível aos caças interceptar aviões inimigos e aos navios estarem a postos e prontos a dar aos assaltantes uma recepção condigna. Por meio desse aparelho engenhoso, a I. F. F. (Indicador de Amigos e Inimigos) é agora possível determinar se um navio ou avião que se aproxima é ou não inimigo. Esta detecção de aviões hostis teve valor especial na costa leste da Inglaterra com os inúmeros aviões atacantes do tipo «Batê e Foge» e também naquêles combóios para Malta que tinham de correr o risco de ataque desde Gibraltar até ao seu destino. Os combóios russos também descobriram o valor imenso deste pré-aviso. Muitos homens e navios devem a vida a estarem a postos em vez de ser apanhados desprevenidos por estes aviões que se escondiam nas nuvens e eram invisíveis até lançarem os seus ataques com torpedos ou bombas.

De importância vital também em terra

A defesa dos portos fez extraordinários progressos em 1941 com a instalação de apa-

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

POSTIÇOS

LEMBRAM-SE dos penteados mirabolantes do tempo de Maria Antonieta?

Pois parece que não estamos muito longe, de tal modo os cabelos se arranjam, hoje, das mais variadas maneiras.

E com uso... e abuso... de postiços: o rôlo *crêpelé* que se põe no interior da pôpa, o oitão que forma *chignon* (o moño como os cabeleiros lhe chamam, à espanhola), os caracóis para o alto da cabeça, a meia-coroa que ajuda a fazer fartura na parte de trás caindo sôbre o pescoço e acompanhando até às orelhas, a pôpa de cabelo sôlto que se penteia juntamente com o próprio. Enfim, uma diversidade tal que se pode mudar de penteado, de aspecto e talvez de disposição sempre que se queira.

Outro postiço que val pegar é a *tournure*, que em espanhol, se chama *polizón* e que aparece nas montras dos espartilheiros: o tufo de folhos sôbre os quadris.

E como a silhueta moderna forma o X: cinta fina, anca larga e selo abundante... não tardará muito que apareçam também aqueles selos postiços que as nossas avós abundantemente usaram.

Uma coisa que parece do tempo das sulfamidas e, afinal, tem clipers de atrazo, não é?

RESPOSTAS

Lina — Envie a sua direcção e responder-lhe-ei mais detalhadamente.

Romeu — Os padrinhos é que pagam tôdas essas despêsas. Os pais da noiva oferecem o lanche. O noivo compra as alianças.



Um conjunto, que é uma graciosa estilização do uniforme de marinheiro

ALMOÇO DE FERRO

Assim como o arranha-céus precisa de esqueleto de ferro, também o corpo humano deveria, de vez em quando, absorver uns alimentos ferruginosos.

Aqui está um pequeno almoço nestas condições.

Lavar em porções iguais, fruta sêca: damascos, ameixas e uvas. Pôr em água fria. Juntar uma colher

grande de mel e deixar demolhar durante vinte e quatro horas. Tomar de manhã, ao pequeno almoço.

OIÇA

— Numa refeição de cerimônia está-se ali para tudo, menos para comer.

Conversar, rir, trocar impressões, mostrar o vestido, ouvir, aprovar, agradecer. E já não é pouco: chegando a casa come-se qualquer coisa.



Tudo isto é bonito e imprescindível na toilette de uma mulher elegante

Sinfonia em preto e branco, modelo seleccionado do Harper's Bazaar, de Londres



Inocência Já pode sorrir. Os aviões alemães não matam mais ninguém



A Grã-Bretanha salvou milhares de crianças belgas. Ei-las, na sua terra, cantando hinos patrióticos

OS BELGAS REGRESSAM AO LAR

DE, aproximadamente, 18.000 belgas a repatriar de Inglaterra, um oitavo alcançou já o seu país, após quatro anos de exílio. A falta de meios de transporte impediu que a repatriação se fizesse rapidamente. As autoridades do Quartel-General Supremo das Forças expedicionárias

Aliadas, porém, empregam todos os esforços para obviar tanto quanto possível esta dificuldade. Barcos e aviões estão a ser aprontados, esperando-se que, em breve, todos os refugiados tenham regressado à Bélgica.

Andree De Clerck, menina de 11 anos, que em 1940 partiu com sua mãe para Inglaterra, regressou à sua casa de Lovaina. Seu pai, engenheiro agrônomo do Ministério das Colônias belga, continua entretanto, a sua obra no estrangeiro.

Um fotógrafo da Repartição de Informações de Guerra, que seguiu Andree no seu regresso ao lar, surpreendeu-a adaptando-se à vida que interrompeu à data aproximada da invasão nazi, em 10 de Maio de 1940.



Brancura imaculada. Os ingleses deram-lhe uma boneca. Foi com ela que voltou à pátria



LEÃO PENEDO

“CIRCO”

Um novo romance de Leão Penedo

O «problema do romance», como agora é de uso dizer-se, parece ser incomportável em normas e conselhos. Aliás, nem todos os nossos romancistas seguem tais conselhos, não sabemos se por falta de prova evidente de quem os dá, se por não estarem dispostos a aceitar o dogma pretensamente imposto.

Em tempos já distantes, os escritores gostavam e realizavam as suas obras sem que para isso tivessem que pedir a opinião alheia antes de as escrever. Só depois, muito depois, pareciam os julgadores a catalogá-las em determinadas escolas.

Claro que o romancista, terminado o romance, não o ia modificar segundo a vontade de aparente e bem intencionado sentenciador.

Assim foram surgindo os romancistas e só mais tarde os seus críticos.

Embora o romance venha de longas e variadas épocas só neste momento apareceu, com fecunda espontaneidade, o «problema do romance». Há quem suponha, crédulamente, que não será à falta de sentenças mais ou menos descompassadas, ou que o problema se tornará insolúvel.

Vêm a ponto estes curtos dizeres do recente romance «CIRCO» de Leão Penedo, romancista que parece, felizmente, ainda não ter dado por tão ponderosos predicadores, e haver compreendido que os dogmas podem ser aconselhados para a imutabilidade de várias doutrinas, mas tornam-se inúteis para as crises de arte.

Por isso, o último romance de Leão Penedo não se filia na propaganda «escola», nem merece o apêdo de introspectivo, nem a designação de social nem de económico. É, simplesmente, uma obra humana; facto que o diferencia de certas catalogações em moda.

«CIRCO» é, pois, um livro admirável e diverso de tantos outros; e esse aspecto prevém do sópro vivo que encerra. Não há nele o decantado «problema»; existe, sim, nas suas páginas um universo — o mundo transparente do indivíduo, angustioso, sofredor, múltiplo; trágico amiúde, grotesco por vezes. Nos seus passos surgem humanamente retratadas as personagens que se agitam e sofrem e riem e têm paixões e despeitos: os que representam dramas e se riem das coisas sérias deste circo que é a vida.

«CIRCO» permite-nos julgar o seu autor, sem exagêro ou louvaninha, como um dos nossos mais humanos e perfeitos romancistas actuais.

Fazemos esta afirmação sem stendermos ao possível mal-estar suscitado que ela possa provocar em requintados melos de génio literário.

ONTEM E HOJE

por AUGUSTO RICARDO

Um insatisfeito

CONHECERAMOS em tempo um indivíduo que tinha o detestável costume de apenas julgar o que ia pela casa dos outros.

Dessa mania tirava ele o juízo que lhe dizia respeito. Não procedia, no entanto, por inveja pelo que os outros possuíam. Fazia-o atêpor generosa compreensão. E em alguns casos esquecia-se de si próprio para enaltecer o que era alheio.

A verdade é que tinha sempre uma lamentação para si e um elogio para estranhos. No fundo não era má pessoa. Tinha aquê costume de se lamentar. Mas não era pessimista, nem despeitado, nem derrotista. Havia nele qualquer coisa de incompreensível.

Sucedia, por exemplo, aludir-se a uma jovem formosa, e logo elle comentava: «pois sim, é formosa, não há dúvida, mas não me pertence — é doutro.»

Falava-se, às vezes de determinado bem-estar de qualquer pessoa que vivia principescamente: E não tardava a observação: — «Que me importa? Sou pobre como Job».

Arriscava-se uma referência a qualquer indivíduo ilustrado; à sua vasta cultura. E dizia: «Coisas que os outros têm. Os meus pais nem as primeiras letras me mandaram ensinar».

Mas se alguém falava na liberdade que outros usufruíam, a nossa personagem ficava triste, e proferia um lamento: — «Não acredito que isso possa existir. Foi coisa que nunca tive».

Como notam, este indivíduo, que fôra do nosso conhecimento, é de uma exigência que vai além dos limites humanos.

O Mundo Futuro

NUNCA a pobre humanidade foi tão dolorosamente agitada por conflitos como no momento que decorre. Não queremos referir-nos aos actos de guerra que, para tanta gente, estão a transformar-se em desejos de paz.

Aqueles têm os seus críticos especializados. Sa erram ou não nos seus vaticínios e propósitos é coisa que depois se verá. A esses, aos estrategas, compete a missão de prever o futuro e não se poderá afirmar que não venham a ter razão.

Se por vezes as hipóteses se tornam em certezas, o facto não revela ciência previsora; é que os acontecimentos, em vários casos, não se modificam por vontade do homem, mas por capricho inesperado dos acontecimentos. Concluimos, pois, como dizia qualquer comentador expectante, que os acontecimentos confirmem as nossas previsões. Até lá muito há ainda a prever. E depois da evidência dos factos todos dirão que estavam absolutamente certos do que viria a suceder. Mas, se nada acontecer de notável, como tudo tem seus aspectos contraditórios, não faltará quem proclame: «Eu bem dizia que nada poderia modificar a face do mundo». Após o que os profetas cairão no seu silêncio perturbante de adivinhos.

Mas como o outro que sentenciava que era tão positivo que só reconhecia o que era palpável e visual ainda não é tarde para lhe dar razão.

O que é verdade é que o mundo já há muito se transformou num inferno muito mais angustioso do que o «Inferno» criado pelo génio desvairado de Dante.

Herança maldita que o homem arrasta para alimentar sonhos de demente? Talvez. Pois parece estar demonstrado que o indivíduo humano, tem seu quê de criança: esta quando possui um brinquedo não desceana emquanto o não despedaça. É esta a imagem do homem, mesmo que atinja a ilusão da felicidade. Todavia, nem tudo são negrura e pessimismo.

Se ainda se fala em «posições estratégicas» para obter a paz, é decerto, por obediência ao preceito latino: si vis pacem, para bellum.

O pior é que o latinório nem sempre cumpre a preceituada verdade.

Em dias de romaria

Portugal é um país maravilhoso. Está de há muito estabelecido; e não deve alterar-se o convencional.

Têm-lhe sido atribuídas várias designações e a todas elle se adapta admiravelmente.

Quando chega o verão é costume chamar-se-lhe país das romarias. De facto, desde o Minho ao Algarve, Portugal é, como diria qualquer pretensioso literatejante, uma «escala cromática». Canta-se, baila-se, há sempre (mesmo quando haja risos vermelhos nos lábios das moçoilas que, invariavelmente, vestem fatos garzidos. No entanto, uma vez por outra, não deixa de haver, no encanto das romarias, a nota poética de umas tantas cabeças abertas. Isto, porém, nunca se dá por indole malévola das pessoas; mas, sim, pela intervenção daquelle líquido que celebrizou o deus pagão dado a desregramentos de libatório. No fundo tudo se passa num ambiente de simplicidade e colorido.

Venturosos os que podem, neste mês quente de Agosto, dar largas ao seu instinto de partir cabeças, beber o sumo da uva e não pensar em coisas tristes.

Esses devem ter razão e estar no segredo da felicidade evangélica.

Porque se tirarem a Portugal as romarias é capaz de não ficar mais nada.



A manhã das Nereides

Diabruras de um "carnet"

de EUGÉNIO VIEIRA

SENTADO no «maple» vis-a-vis do meu, falou-me como segue: — Sou uma pessoa muito meticulosa e muito ordenada. Não me dispense de ter sempre um «carnet», para guiar-me diariamente na vida. Ora, uma destas manhãs, ssi, levando apontadas no meu «carnet» as seguintes lembranças:

— Procurar o africanista Avilez — Mandar pêsames pela morte de Felício — Passar bilhetes de concerto — Dar a medida do esxião — Não esquecer o requiem. Munido desta tralha memorativa, vai você ver que me sucedeu o bom e o bonito!...

Não conheci nunca o Avilez senão pelo apelido, e, se alguma vez lhe li o nome próprio, não mais me lembrei dele! Tenho tanto em que pensar que não me prenda a essas bagatelas... Entendo que um nome nem sempre é preciso, desde que me saiba o apelido, para estes casos fortuitos da vida... Recorri ao Anuário para lhe saber a morada. Não tinha complicações de maior. Era procurar na letra (A). O resto a schar era um simples jogo de inteligência... Percorri toda a lista dos Avilez, onde encontrei médicos, advogados, comerciantes, etc., etc.

Só um daqueles apelidos me pareceu corresponder ao meu caso. Era o

de um director de Companhia Africana, formada recentemente. Morava numa rua próxima da Praça Marechal Saldanha. Esta indicação, um tanto vaga para o leitor, completava-se para mim com outra: Minha filha Violante tinha-se relacionado na praia com uma menina Avilez, cujo pai dizia, lá em casa, que me conhecia muito bem, e, terminada a estação de banhos, já no comboio, à despedida, dissera-lhe a rua e a morada, frisando no final: — Não te esqueças que é para as bandas do Saldanha! Em recomendações à pressa são, quasi sempre, as últimas palavras as que ficam de memória, sendo o mais essencial o que esquece!...

Subir a escada que colhi no Armário e tocar a campainha do 5.º andar foi caso fácil, para mais tendo a escada ascensor...

Apareceu-me, não a menina Avilez que eu vi na praia com a minha Violante, mas uma simpática mulatinha que, à parte a cor da pele e o cabelo em carapinha, achei parecidíssima não só com a menina bahista, mas até com o seu proenitor. Preguntei-lhe:

— O papá está?

— Não, não está! Só volta da companhia às oito horas, para o jantar.

— Bem. Deixo o meu cartão e volto a essa hora.

Descendo a escada, consultei o «carnet». Dizia: — Mandar pêsames pela morte de Felício.

Prourei na carteira um bilhete de visita meu em que tinha já escritas as tradicionais s. p., mas por mais que rebuscasse não o encontrei!

— Não tem importância! — pensei. A família de Felício está de luto só desde ontem. Não se trata de um caso de intimidade mas, de simples etiqueta... Meterei o cartão no correio.

Consultei de novo o «carnet»:

— Passar bilhetes do concerto.

Não sei se o amigo sabe o que é isto de passar bilhetes para uma exibição de Arte, desde que o Futebol em Portugal se tornou um género de primeira necessidade para as turbas e um caso de instituição nacional para os jogadores... Enfim, li fui passando o dia a passar bilhetes, e às oito horas marcadas, tornei à rua das imediações do Saldanha.

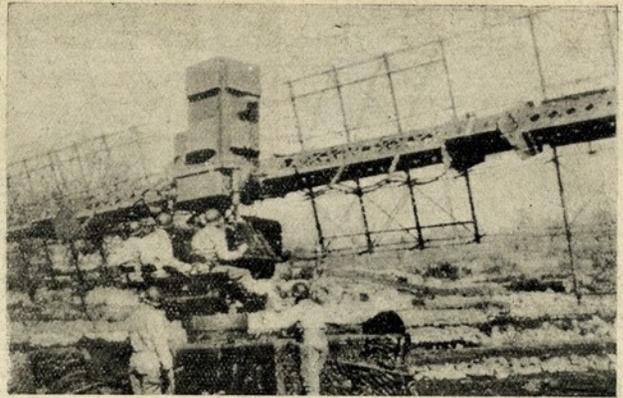
— O senhor Avilez já veio?

— Já, sim, senhor!

A criada conduziu-me por um pequeno corredor a um escritório, compartimento desafogado. Bons «maples», esplêndida secretária, panóplias de armas gentílicas, esculpturas tócas de fetiches e de bichos de África, de forma grosseira e rudimentar, em madeira de cor queimada. Arte africana, vamos!... Na parede em minha frente, um retrato de homem em tamanho natural, de forte estatura e grandes óculos, sentado em ampla cadeira de braços. Tive a sensação do qui proquo! Estava numa casa completamente estranha!...

Souam passos pesados, como que solenes, e, logo após, no limiar do escritório, surge um vulto de homem. Era o do retrato. Como eu fiquei!... Não era o Avilez que eu procurava, que é de estatura mediana, magro

(Continua na página seguinte)



Como trabalha o fantástico radar, prospectando os céus

O olho eléctrico

(Continuação da pagina 24)

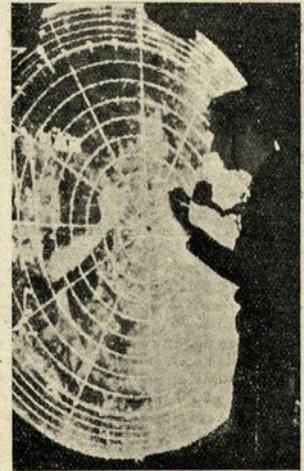
relhos especiais para estabelecerem estreita vigilância nas entradas de certos portos vitais e, em especial, para descobrir o lançamento de minas inimigas por meio de aviões ou por outros meios. Estes aparelhos estavam estreitamente ligados à defesa dos portos.

A medida que aumentava a potência dos aparelhos alongava-se o alcance da protecção e estes postos terrestres funcionando em 1944 quasi exclusivamente com pessoal da R. A. F. ou da Força Aérea Auxiliar Feminina, conforme acordo entre os dois serviços), puderam, desempenhar papel importante na defesa dos comboios na costa leste contra ataques das lanchas torpedeiras e dos aviões e viajar uma vasta frota de navios precisos para o dia D.

Já se disse que estes aparelhos costeiros eram manejados em grande parte por pessoal da R. A. F. Um exemplo interessante da cooperação entre os serviços deu-se em 1943, quando chegaram a proporções sérias os ataques inimigos à costa sul por meio de aviões que voavam baixo. Assim, conseguiam escapar-se aos aparelhos de Radar então existentes e, devido à falta de pré-aviso, resultaram muitas baixas. Felizmente, por volta desta ocasião tinha-se já criado um aparelho naval de alta potência capaz de descobrir navios a grandes distâncias e também aviões que voassem mais baixo.

Quando uma bomba caiu numa escola em Ashford, em 1943, salvaram-se 300 crianças devido ao pré-aviso de quatro minutos dado por um destes aparelhos, em Dover, o que lhes permitiu ir a tempo para o abrigo.

Finalmente, a aparelhagem naval móvel de Radar desembarcou na Africa do Norte, na Sicilia, na Itália e na Normandia e ajudou na defesa dos ancoradouros contra ataques de superfície, na fiscalização das enormes massas de navios que chegavam e se juntavam junto das costas de pontes das praias.



Nesta tela luminosa e cristalina ficam marcados os objectivos descobertos pelo Radar

Vencendo os submarinos

A quarta e última secção de aperfeiçoamento do Radar — a sua aplicação à guerra anti-submarina — é talvez a mais extraordinária. O Radar foi o factor mais importante a assegurar a derrota dos submarinos e, consequentemente, a ganhar a batalha vital do Atlântico. Com o seu auxilio os submarinos foram mantidos submersos.

O Radar permitiu aos navios de escolta descobrir instantaneamente qualquer submarino que aparecesse à superfície perto dum comboio permitindo-lhes, também, vigiá-los quando se lançavam ao ataque e interceptá-los. Estes submarinos podiam ser descobertos pelos aviões de patrulha longe dos comboios e obrigados a submergir e a perder o contacto com a presa.

A técnica estabelecida por este aperfeiçoamento foi mais tarde aplicada por todos os serviços e pelos estados Unidos a quasi todos os outros problemas do Radar que se referiam ao tamanho e à precisão da aparelhagem e à aptidão para descobrir e distinguir alvos pequenos. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos ultrapassaram em muito o inimigo na precisão do ataque.

ESTOMAGO ACIDO

Sente-se mal disposto?
2 Rennie
Deixam-no composto



UMA DOR



2 RENNIES



UM SORRISO

Uma indigestão ácida pode atirar-lhe abaixo. Mas coração ao alto — existe um excelente remédio! Nunca ouviu falar das Rennie? Certamente que sim! Pode trazê-las na algibeira ou na malinha de mão. De sabor agradável, chupam-se como rebuçados. Primeiro uma, depois mais outra. É fácil! Não lhe parecem?

As Rennie são embrulhadas separadamente, para se poderem trazer soltas na algibeira ou na malinha de mão. De sabor agradável, chupam-se como rebuçados. Primeiro uma, depois mais outra. É fácil! Não lhe parecem?

Bastam 2 minutos para a sua próxima refeição fadada com apetite. Com náuseas, dores, sensação de queimadura, flatulência — tudo desaparece num al!

Quando for tomar a sua próxima refeição fadada com apetite. Com náuseas, dores, sensação de queimadura, flatulência — tudo desaparece num al!



O JAPÃO DERROTADO

(Continuação da página 22)

montanhas no interior da ilha, e começaram a sua campanha contra as posições japonesas na costa norte.

A maré da guerra muda em Guadalcanal

Um mês depois, os japoneses arremeteram em direcção a Havaí e os Estados Unidos foram postos à prova na batalha de Midway, na qual 16 barcos inimigos, incluindo 4 porta-aviões e 275 aviões foram destruídos. A América perdeu um porta-aviões, um contratorpedeiro e cerca de 150 aviões.

Entretanto, no extremo norte, os japoneses alcançavam êxito no estabelecimento de bases nas Aleutas, na parte onde o Alasca mais se aproxima dos Estados Unidos.

Pouco mais de um ano decorrido, os invasores eram mortos ou, finalmente, expulsos.

Em Julho de 1942, os japoneses desembarcaram forças terrestres em Guadalcanal, nas Ilhas Salomão. O inimigo planeava construir ali uma base, donde os seus aviões pudessem ameaçar o controle aliado das Novas Hébridas e Nova Caledónia, flanqueando a linha vital para a Austrália. No mês seguinte, ofensivas combinadas Aliadas faziam desembarcar os fuzileiros americanos em Guadalcanal. Numa renhida batalha de seis meses, os japoneses foram batidos e os aliados mudaram a maré da guerra.

Tendo recuperado a iniciativa estratégica, os Aliados desencadearam duas grandes ofensivas contra o inimigo: uma pelo norte, desde as ilhas Salomão e Nova Guiné; outra pelo ocidente, desde o Pacífico Central.

Na primeira, comandada pelo general Douglas MacArthur, as tropas australianas e holandesas assaltaram a costa da Nova Guiné e Halmahera a, 653 quilómetros das Filipinas.

Nas segunda, comandada pelo almirante Chester Nimitz, os fuzileiros navais e forças de infantaria assaltaram as Gilbertas, Marshals, Marianas e Palau, a 995 quilómetros das Filipinas.

O avanço nas Marianas pôs ao alcance dos americanos três importantes bases — Guam, Saipan e Tinian — a cerca de 2.413 quilómetros ao sul de Tóquio. O inimigo reconhecendo o grande valor dessas bases, pouco depois de ter começado a campanha das Marianas, em junho de 1944, fez com que reaparecesse a sua esquadra, escondida durante muitos meses. Tentou retardar as operações nas Marianas; o resultado foi desastroso. Destruíram-se 402 aviões e afundaram-se ou danificaram-se 14 barcos japoneses, incluindo 4 porta-aviões e 1 couraçado. A esquadra japonesa esteve quatro meses a curar

as suas feridas. Não tornou a aparecer para combate senão quando duas forças Aliadas convergiram para as Filipinas.

Em 20 de Outubro, as forças anfíbias de MacArthur efectuaram desembarques em Leyte, no centro das Filipinas. As forças navais japonesas, num grande assalto em três direcções, tentaram fazer malograr os planos Aliados para a libertação do arquipélago, querendo alcançar uma vitória decisiva sobre as nossas forças navais nas águas das Filipinas e, assim, cortar as linhas do abastecimento de terra de MacArthur.

Mas, no decurso da batalha aero-naval travada entre 23 e 26 de Outubro, unidades da terceira e sétima esquadras dos Estados Unidos e uma formação naval australiana infligiram ao inimigo a mais esmagadora derrota da guerra. Um total de pelo menos 58 barcos de guerra japoneses foram afundados ou danificados. Entre os barcos afunda-

Orânio com que se fazem as bombas atômicas. A sua força fez vergar o Japão



dos incluíam-se 3 couraçados e 4 porta-aviões. Os Estados Unidos perderam seis barcos de guerra.

As forças de terra americanas e os guerrilheiros filipinos prosseguiram na sua campanha e, em 15 de Julho de 1945, terminou toda a resistência japonesa nas Filipinas, sendo libertadas cerca de 7.000 ilhas desse arquipélago.

Enquanto prosseguia a campanha nas Filipinas, as forças americanas aproximavam-se do território metropolitano japonês e conquistavam mais duas bases vitais — Iwojima, a 1.203 quilómetros ao sul de Tóquio, e Okinawa, das ilhas Ryukyus, a 603 quilómetros a sudoeste do solo do Japão.

Um longo mês de luta pela posse de Iwojima deu aos americanos uma base, donde os aviões de caça podiam atacar o território metropolitano inimigo e escoltar as Super-Fortalezas, com base nas Marianas, nos seus sempre crescentes ataques contra os objectivos industriais nipónicos.

Os chineses reconquistam grande número de cidades

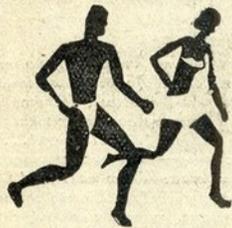
Okinawa, por cuja posse se lutou desde 1 de Abril, durante 82 dias, proporcionou às Super-Fortalezas mais uma base.

Em meados de 1945, vastas forças de Super-Fortalezas voaram em grupos de 600 ou mais e descarregaram a sua carga de 4.000 toneladas de bombas sobre as indústrias do Japão. As operações das Super-Fortalezas atingiram esse estado de eficiência após pouco mais de um ano. Começaram os seus ataques em escala muito menor, partindo de bases na China e na Índia.

Naqueles países, contudo, os aviões mais pequenos eram empregados no transporte de cargas.

Na China, a 14.ª Força Aérea dos Estados Unidos atacava, dia após dia, as tropas japonesas e suas comunicações, em apoio das forças de terra chinesas.

Enquanto que, em 1944, essas



Atrigueirar-se é acumular energia solar. Arma-zene força e saúde, bronzeando-se ao sol SEM RISCO DE QUEIMADURAS; basta untar-se com AMBRE SOLAIRE (ambar solar) óleo de fórmula parisiense que decompõe a luz do Sol, detém os raios nocivos que queimam, deixando passar apenas as irradiações benéficas.

O AMBRE SOLAIRE vende-se nas perfumarias e cabeleireiros. Da província peça o frasco-ensaio a 8\$50 à Agência de Lisboa, Rua d'Assunção, 88-2.º.

Diabruras dum "carnet"

(Continuação da página anterior)

como um arenque, e que nunca (que eu saiba!) usou óculos!...

Vi passar, rápida como uma sombra, no corredor, uma senhora vestida de preto, por sinal bastante fátida e com olhos pisados de choro.

O retratado, ao ver que eu me levantava, adiantou-se em gesto delicado, a mão aberta, as sobrancelhas alteando-se:

— V. Ex.ª desejava?...

Entupido, balbuciei:

— Peço mil desculpas!... Há pouco, desejava qualquer coisa... Presentemente, só desejo que V. Ex.ª me perdôe! É um equívoco!... Julgava-me em cesa de um velho conhecimento... pode dizer-se de um amigo... e afinal vejo que estou numa

(Continua na página seguinte)

forças eram expulsas de muitos pontos vitais, no ano seguinte recuperavam muito do que haviam perdido.

Em 1944, os japoneses conseguiram completar com êxito, um corredor desde o norte da China a Cantão e Indochina e situaram-se a 240 quilómetros de Chungking, capital provisória da China.

Mas, em fortes contra-ataques as forças de terra chinesas cortaram, em Junho de 1945, o corredor da Indochina e recapturaram uma série de grandes cidades. Em meados do verão, expulsaram os japoneses de cinco grandes bases de que antes se haviam apossado.

Uma grande parte deste sucesso foi atribuído à campanha do sudoeste da Ásia, onde as tropas inglesas, indianas e chinesas já tinham alcançado êxito na reabertura da estrada Ledo-Birmãna para a China, agora conhecida como Estrada Stilwell em honra ao general Stilwell. Este comandou as tropas chinesas durante a sua retirada da Birmânia, no prin-

cípio da guerra. Assumtu, mais tarde, o comando de todas as tropas americanas na China, Birmânia e Índia, e, em 1945, comandou o 10.º Exército Americano que combateu em Okinawa.

A seguir à abertura da estrada de abastecimentos, as tropas britânicas, indianas e americanas forçaram o seu caminho para o sul, através da Birmânia, para capturar Mandalay e Rangoon e esmagar a resistência inimiga nesse país.

Os tentáculos japoneses que se estendiam por todo o Oriente foram-se lentamente retraíndo à medida que as forças Aliadas avançavam de muitas direcções com destino ao seu próprio território metropolitano.

A metrópole japonesa, tão dependente das suas infelizes conquistas, delas foi sendo gradualmente privada.

Apertou-se o grande bloqueio aero-naval à volta do Japão e o seu falso Império viu-se, gradualmente, reduzido ao seu tamanho original.

Diabruras de um "carnet"

Continuação da página anterior

casa estranha!... Procurava o senhor Romaldo de Avilez... africanista. (Lembáras-me, afinal, do nome próprio do meu velho conhecimento!)

— Hipólito!... Hipólito!... um seu criado, — me respondeu sorrindo, e continuou: — Um equívoco! Lá me queria parecer!... Eu não conheci o nome que se anunciava no cartão, mas... nem sempre somos procurados por pessoas conhecidas...)

Eu julgava meter-me pelo chão abaixo! Balbuciei, desconcertado:

— Perdão! perdão!... Peço licença para me retirar!... Julgava-me em casa de um amigo...

— E pode julgar-se, assim, nesta casa... Os amigos dos nossos amigos, nossos amigos são!... Por acaso conheço muito bem a pessoa de que se trata, embora não saiba a sua morada... É um conhecimento de Angola, onde estive quasi a ser seu sócio na fundação de uma empresa.

— Ah! — disse eu, por nada mais ter que dizer. Fiz uma vénia para passar. Teve a gentileza de me acompanhar ao patim, enquanto eu descei. Curvamo-nos. A porta fechou-se e ouvi uma voz de mulher que dizia: — Oh! um equívoco!... Ainda bem que não morreu!...

Escutei com curiosidade. Nada mais ouvi e dirigi-me a casa, para jantar.

Mal me sento, sôo o trim-trim do telefone, rápido, como nervosamente.

— Está?

— Está. Quem fala?

— Daqui fala Hipólito de Avilez.

— Onde eu estive há pouco, não é?

— Exactamente. Como o cartão de V. Ex.^a tem a morada e o telefone, resolvi telefonar... V. Ex.^a esqueceu-se, em cima da minha secretária, de um "carnet" de apontamentos e de um rôlo com papéis. Le-lhe-ei levar tudo, amanhã, da parte da manhã, a sua casa como convém...

— Muito obrigado a V. Ex.^a. Tanta delicadeza, confunde-me...

— Não me custa absolutamente nada! O auto é que me leva e o chauffeur é quem o conduz... É verdade! Como o cartão com que se fez anunciar tinha as letras s. p., entendi que devia falar no caso ao sr. Romaldo, de quem descobri a morada, à última hora, e perguntando-lhe se estava de luto. Ele disse-me que, felizmente, não... Devo dizer em abono da verdade, que esse cartão, entregue na minha casa m'a pôs toda em reboliço, porque minha esposa, que é o nervosismo em pessoa, tendo um irmão muito doente, nos arredores de Lisboa, mas em terra que não tem telefone, está à míngua de notícias e meteu-se-lhe na cabeça que o irmão que se chama Felício, lhe tinha morrido! Por mais que eu lhe dissesse: — Isto não tem relação com o teu caso... é uma simples coincidência de nome. Ela passou momentos muito amargos!...

Afinal, o maldito cartão de pêsames não me ficara na carteira, mas fôra entregue em casa do africanista Hipólito! Que figura eu estava fazendo!... E tudo em resultado da meticulosidade do meu "carnet"! O telefone retinui ainda.

— Está?

— Estou, sim... É ainda o senhor Hipólito?

— É, sim... para lhe dizer que o seu "carnet" fala da entrega de um requiem e que os papéis que deixou com o mesmo "carnet" são de músicas. Ora o seu "carnet" diz: — Não esquecer entregar o requiem... se quebre que lho mande já si, nada me

custa... Se não tem pressa dêle, amanhã o levarei.

Tomei o meu partido, para me libertar do ridículo.

— Está?... É o senhor Hipólito?

— Estou.

— É para dizer a V. Ex.^a que, no caso do requiem hi um homem morto!

— Lá me parecia que havia de ser isso, porque o "carnet" fala também de uma medida de caixaão!...

Agora, eu abafava de riso e... pergunto:

— Está?

— Estou.

— É para explicar que o caso do caixaão não tem importância. Não tem

IDADE DE OURO

(Continuação da página 15)

goríficos e respectivas copas; os três grandes dormitórios, com capacidade para 120 camas.

No segundo andar do mesmo edificio, dispomos ainda duma enfermaria isolamento, com 12 camas, casa para banhos medicinais, sala de curativos e tratamentos, gabinetes de consulta e da enfermeira e dois solários.

Em um amplo e arenoso recinto ao ar livre, emaltado com a graciosa presença de um lagosito a que não falta o repuxo, as crianças mais idosas podem recrear-se a brincar num caprichoso e formoso ambiente duma pequenina praia artificial — com baloiços e pranchas, num piso de areia sôbre o qual se ergueram barracas em miniatura, com seus toldos de fazenda branca, listrada de várias cores, que se ali pertinho se espumasse a borbulhosa espuma do mar!...

O recheio da Creche, porém, é que proporciona encantamentos a todos os visitantes que se enternecem e se confessam maravilhados perante a conformação e o tamanho do mobiliário, das roupas, das louças, dos aparelhos sanitários. Tudo pequenino e engraçado — como pequeninos e engraçados são os seus habitantes.

Esse sentimento mais e mais avulta, em grandiosidade e beleza, na projecção, cada vez mais intensa e mais profunda, da idéa que inspirou e animou a realidade de tão humanitária iniciativa de Assistência Social. Para se avaliar, de certo modo, o volume material dessa grandeza, diremos apenas que a Creche dispõe de 6.600 peças na sua rouparia, distribuídas por 2.780 fraldas, centos de lençóis, travesseiros, batas, chapéus e sapatilhas etc. etc; que possui 700 utensílios de cozinha e que gasta 50 litros de leite por dia, consumindo, mensalmente, 2 quilogramas de cevada torrada e moída, 50 quilos de açúcar, 35 quilos de arroz, 100 quilos de batatas, 40 quilos de Nestogeno em pó, 30 quilos de cenouras, 12 quilos de ovos — além de avultadas quantidades de muitos outros gêneros, tais como carne, azeite, massas alimentícias e legumes.

A admissão das crianças na

relação com o requiem... Foi um caixaote grande (na minha provincia chama-se a isso um caixaão). Mandei-o fazer para arrecadar os gêneros alimentícios que estão pela hora da morte em preço e são quasi impossíveis de encontrar!... Quanto ao requiem pode vir amanhã, junto com o "carnet". O morto espera. Serve para mim. O morto sou eu, porque tôdas as peripécias dêste dia puseram-me, sabe em que estado? Morto de riso... Pelo auscultador veio até mim uma estrepitosa gargalhada.

— E veja você, me disse o meu interlocutor a rebolar-se no "maple" vis-à-vis do meu, a quantos sobresaltos conduz a mania da ordem e as diabruras que pode fazer um "carnet" de apontamentos, quando esquecido, se, no caso, nos houvermos também esquecido de um cartão de visita com um s. p.!...

Creche é facultativa e poderá efectuar-se dentro do período dos primeiros seis meses. Para tal efeito, as formalidades exigidas são mínimas: estão reduzidas a uma simples autorização da Gerência e ao parecer do médico-director, logo após o exame clínico da criança. Nesse preciso momento a admitida receberá a sua pulseirinha de identificação e ficará, desde então, entregue à guarda e aos cuidados da Creche, durante as horas em que a mãe trabalha.

E, escrupulosamente, observar-se-á sempre o cumprimento do seguinte regimen interno: Às 7 horas, inicio da entrada na Creche onde logo serão despidas das roupas que trazem de casa e que, após o indispensável banho da criança, serão substituídas pelas roupas em uso privativo naquella estabelecimento; às 9 horas, primeira refeição, indo depois as crianças, conforme as suas idades e tamanho, para a cama, para as grades ou para o recreio: às 12 horas, nova refeição.

Os mais pequeninos receberão novo biberão pelas 15 horas e uma hora depois será servido o jantar aos mais crescidos. Nova passagem pelo local «Reservado para Senhoras» e «Reservado para homens» e que na nossa Creche é comum aos dois sexos e pelas 17 e 30 nova faina de despir e de vestir para regressarem a suas casas. Toda a população infantil da Creche é pesada às quarta-feiras, logo após o banho e no dia seguinte, recebe a visita do médico.

V. N. O.

A PENITENCIÁRIA

(Continuação da pág. 8)

e de bondade. Sem essa virtude a vida humana torna-se um deserto e todo o esforço para vencer é nulo.

Neto Portugal, mercê dessas virtudes venceu, e realizou o seu sonho de evangelizador.

Hoje, ministra ensino a algumas dezenas de reclusos da Penitenciária e todos os reclusos que têm ido a exame

UM ANJO

(Continuação da página 4)

Neste livro a autora expõe com firmeza e brilho um problema sentimental, ao qual bem caberia a denominação de um caso vivo de aspiração humana, que estreitos convencionalismos, nem sempre permitem atingir.

A romancista consegue através das páginas deste romance traduzir os anseios, as insatisfações e os desejos de uma ambicionada aspiração livre de amor. Dá-nos a história de uma alma de mulher — desde o seu despertar para a vida até à compreensão de esse acordar — que sonha um mundo diferente do de todos os corações amortecidos, conformados e banais.

Revelar o mistério inconstante de uma alma insatisfeita de mulher, não é das mais fáceis criações de literatura. E, cremos, Manuela de Azevedo conseguiu, essa realidade, no seu romance — e de forma assinalável.

A SOLUÇÃO DO FOTO-CRIME

JACK partira o relógio e pusera os ponteiros nas 9 horas e 1 minuto o que lhe daria um esplêndido alibi, se a Polícia suspeitasse dêle (relógio na fig. 1). Abria o fogão de gás ao máximo para manter o corpo quente e, assim, tornar impossível a determinação da hora exacta de morte; mas procedendo dêsse modo desmascarara-se.

O inspector encontrou o cadáver a coisa de trinta centímetros de distância do fogão (fig. 3). Se ela tivesse, realmente, dado o tiro às nove horas e um minuto, o fogo teria chamuscado o vestido muito antes da chegada da criada. Vendo que o vestido não estava queimado, o inspector deduziu que o cadáver não podia estar ali há mais de dois ou três minutos. Não havia pois suicídio mas sim crime. O relógio havia sido deliberadamente acertado para preparar o alibi de alguém o criminoso. Um exame cuidadoso nos aposentos fez descobrir uma impressão digital, na torneira do gás, que se verificou ser de Jack.

obtiveram aprovação e alguns com distinção.

Acêra da influência benéfica que a instrução tem exercido nos corações ensombreados talvez por remorsos, o leitor fará decerto o seu juízo.

É esta obra de levar um pouco de claridade a cérebros onde pairam fantasmas e sombras angustiosas pelos erros cometidos, que torna admirável a missão de um homem que nada foi e que hoje pode orgulhar-se de haver praticado o acto mais dignificante da vida: dar claridade às almas — que a instrução é o mais belo clarão do espirito.



Uma parte da enorme assistência que concorre aos concertos no Albert Hall



O célebre pianista Benno Moiseiwitsch

A 51.^a ÉPOCA DE CONCERTOS PROMENADE

Foi com orgulho justificado que a B. B. C. organizou a 51.^a Época de Concertos Promenade: orgulho na contínua vitalidade destes concertos, únicos no género, tanto em paz como na guerra; orgulho na vida e obra do falecido Sir Henry Wood, o criador e o génio dos «Proms»; e orgulho na lealdade e coragem do público em face dos piores perigos da cidade de Londres em guerra. As fotografias desta página foram tiradas durante a Época-Jubileu dos «Proms» no ano passado, no Albert Hall de Londres.

A
B.
B.
C.

FALA E O MUNDO
ACREDITA



Em cima: Basil Cameron, à esquerda, e Sir Adrian Boult, à direita, com o falecido Sir Henry Wood. Em baixo, outro aspecto imponente do Albert Hall



THIS AXIS HAS BEEN LAID FROM

EL ALEMEIN TO BERLIN

VIA:-

AFRICA TOBRUK
BENGHAZI
TRIPOLI
MARETH
TUNIS

ITALY SALERNO
NAPLES
VOLTURNO
NORMANDY

FRANCE THE SEINE
ROUBAIX

BELGIUM OUDENARDE
GHENT
MALINES

HOLLAND EINDHOVEN
TILBURG
THE MAAS

GERMANY THE RHINE
AHAUS
SULINGEN
NIENBURG
SOLTAU
HAMBURG

**MUNDO
GRÁFICO**

**EM BERLIM, O ITINERÁRIO
GLORIOSO DOS INGLÊSES**

